

20
A.P.
O.S.

RELATÓRIO DO ENCONTRO DE MILITANTES ENGAJADOS EM
PARTIDOS POLÍTICOS - 15/02/86 -

Reverendo o planejamento do ano anterior, a executiva da PO viu que a grande preocupação dos grupos é a questão política. Como 86 será um ano político (Constituinte, eleições) a equipe achou importante rever a prática de cada um dentro do partido - dentro do processo político, da caminhada que os partidos fazem em cima de seus programas.

Vendo um pouco dos últimos acontecimentos, percebemos que em poucos países se assistiu a uma mobilização como a que aconteceu pelas Diretas Já. Essa mobilização mostrou a vontade de participação e a capacidade de mobilização do povo e também a força da burguesia nacional, que nanhos o parlamento e o povo perdeu. O povo também saiu derrotado na questão da Constituinte e da Reforma Agrária, que foram encaminhadas em função dos interesses burgueses. Percebemos que no contexto político atual - "político liberal", o discurso é de "democracia para todos", mas o problema do país hoje ainda é o problema do Brasil Colônia, do Brasil Velha República: a grande massa ainda não tem vez.

Diante disso, a questão política que foi colocada neste encontro é: como fazer com que o povo, a massa empobrecida tenha participação.

Diante desta colocação houve complementação do plenário. Depois os participantes foram divididos em grupos para discutir as seguintes questões e abaixo estão algumas afirmações (inclusive individuais) que foram apresentadas em plenário.

1. No novo arranjo político que houve, onde está o povo? Qual está sendo o lugar que o povo tem na prática dos partidos políticos?

- o povo quer participar mas não há muita brecha.
- houve melhora na participação em nível de "discurso" e discussão de idéias, mas nas questões mais básicas de reivindicações não melhorou. Por exemplo, as greves são violentamente reprimidas e proibidas, as lideranças são podadas e a grande imprensa faz a cabeça da massa e deturpa.
- o povo pensa mais em sobreviver do que procurar como participar. Há algumas pessoas que querem participar mas não tem espaço e nem tempo. O povo não está acreditando mais em propostas.
- está fora das decisões, os partidos grandes e pequenos não se preocupam com a base. O povo também está esquecido dos partidos, só participa nas eleições.
- a massa mais uma vez está esquecida.
- na realidade a classe trabalhadora não é politizada.
- sentimos a presença da relação Empregado x Patrão dentro da própria classe trabalhadora, quando se diferencia a pequena parcela dirigente da grande massa participante. Ex. 1º de Maio unificado.
- vemos a Constituinte como uma bandeira enganosa levantada pela burguesia para dispersar os trabalhadores dos seus movimentos.

2. A prática nos partidos em geral tem sido: juntar pessoas em torno de idéias ou grupos; buscar abrir espaços para que cada trabalhador tenha sua presença assegurada em igualdade de condições; buscar somar forças para posições e poder pessoais. Qual tem sido a sua prática?

- os partidos só aparecem mesmo na época das eleições.
- após as eleições, os núcleos que conseguem sobreviver são muito reduzidos em número de participantes.

- os militantes dos partidos, por serem militantes sindicais e dos movimentos populares não dispõem de tempo para uma participação de maior qualidade.

- a instituição burguesa que domina a vida partidária é de querer conquistar cargos e não fazer trabalho de base para mobilizar as massas.

- as tendências e grupos dentro dos núcleos e diretórios tentam buscar hegemonia e fecham a participação mais ampla. Realmente buscam poderes pessoais.

- de um lado o PT ainda continua bastante longe das bases, mas de outro percebe-se um crescimento notável, recebendo pessoas de outros partidos.

- se ouve de todos os partidos o discurso de "trabalhar com o povo" mas se nota que na realidade é o PT que está reunindo trabalhadores para participar nas questões políticas.

- a prática dos parlamentares do PT (alguns) tem sido de dizer claramente o que acontece no parlamento, as mordomias, corrupções, altos salários etc.

- vive-se em reuniões de militantes que decidem (mesmos vícios anteriores) de cima para baixo. Os partidos não devem ficar fechados em "idéias puras".

- falta democracia na parte interna do partido, mas isso não anula o fato de que haja necessidade de se agrupar em torno de idéias e grupos.

- Proposta no PT: puxar discussão com filiados sobre as questões políticas internas do partido e articular esses filiados.

3. Como está sendo a escolha dos nomes de candidatos dentro do seu partido? Qual está sendo a nossa participação nesta escolha?

- estão sendo tirados dentro dos gabinetes, não estão obedecendo os critérios do partido.

- as bases não estão sendo consultadas.

- tem processo democrático mas com participação pequena. Militantes não são filiados e não podem votar.

- os núcleos não têm participação na escolha dos candidatos que está sendo feita de cima para baixo através de conflitos e interesses pessoais.

- "a valsa está sendo tocada de muitas formas e nós estamos dançando sem saber o ritmo".

- o processo que está sendo feito é apenas formal, pois por trás há "algo".

- as tendências, cada uma, estão tentando fazer o seu processo.

- a descaracterização do conceito de democracia tem levado a uma múltipla forma de encaminhamento do processo de escolha.

- Proposta: articular o pessoal do PT que está descontente com o andamento do processo.

Colocações individuais na plenária

- os núcleos não estão sendo consultados devido a sua própria desorganização.

- cada vez mais a criação e incentivo dos núcleos não está sendo a política do partido. O PT está se tornando também um partido de cúpula. A discussão de escolha está sendo formal porque todos sabem que os candidatos já foram escolhidos.

- está se pensando em tirar um candidato por região, sem respeitar a opinião dos que são contra esse processo.

Diante das apresentações dos grupos e colocações individuais, houve um momento para cochicho e foram levantados alguns princípios baseados na análise feita e na revisão da nossa prática.

Compromisso com a nossa prática partidária

- . Garantir o processo de participação
- . Garantir o processo de educação e formação política
- . Garantir que os núcleos funcionem porque eles é que fazem funcionar o diretório
- . Não aceitamos atropelamento do processo: se colocar como candidato antes de discussão e aprovação das bases
- . Prioridade do trabalho de base. Tornar mais ampla a participação e as decisões serem tomadas de fato pela maioria
- . Respeitar as várias opiniões (pluralismo) político dentro de um com promisso classista
- . Ter uma visão do poder-povo, ou seja, o poder deve ser exercido com a participação do povo
- . Priorizar as formas autônomas de organização dos trabalhadores
- . Atividade política não se dirige para reformar, mas sim para trans formar
- . Não radicalizar. Queremos chegar ao poder mas com uma massa (ou pelo menos boa parte dela) consciente
- . Não se omitir do processo, mas procurar participar dele. Garantir a participação dos movimentos onde estão inseridos os trabalhadores
- . Denunciar e não aceitar os processos que forem opostos a esses prin cípios e de cupulismo
- . Formular propostas viáveis à elaboração das mesmas
- . Revisão constante da nossa própria prática
- . Foi lembrado que é princípio da PO não definir a militância de seus membros e ter um compromisso classista
- . Foi levantado questões sobre a prática de alguns candidatos, mas para discutir a prática de uma pessoa é importante que ela esteja presen te.
- . Foi afirmado também que é princípio da PO não ter candidatos da PO mas é direito do candidato dizer que é membro da PO

NO PRÓXIMO DIA 15 HAVERÁ UM ENCONTRO NA P.O. PARA SER DISCUTIDO AS CONSEQUÊNCIAS DO NOVO PACOTE ECONÔMICO, COM A PRESENÇA DE UM ASSESSOR. NESTE DIA TAMBÉM SERÁ ENCAMINHADO AS QUESTÕES DA REUNIÃO DE MILITANTES. SERÁ NA SEDE DA PO, ÀS 9:00 HORAS.

COMPAREÇA E TRAGA UM COMPANHEIRO!

RELATÓRIO DA REUNIÃO DE COORDENAÇÃO DE PO 02/10/86

Na reunião de coordenação do dia 25/09/86, iniciamos a nossa avaliação de Pastoral Operária a nível da Região. Com os seguintes TEMAS:

*SERVIÇO AOS POBRES

*FORMAÇÃO

*ORGANIZAÇÃO

*ORAÇÃO

*PRIORIDADES

Estas temas nos trouxe algumas perguntas. Não dando para terminar de respondê-las, houve a necessidade de mais uma reunião EXTRA, para o Dia 02/10/86. Continuando as nossas discussões chegamos a estas conclusões:

NO TEMA PRIORIDADES, Questão (01)

Formamos uma Eq de Sindicalização, esta realizou treinamentos Sindicais, Encontros de Trabalhadores, 2 Semanas de Sindicalização e algumas palestras a Nível da Comunidade, Setores e Região.

QUESTÃO (02)

Houve necessidade de ~~semáxax~~consultar o Planejamento anual, pois sabemos que mesmo que algumas atividades não foram feitas a Nível da Região muitos Setores realizaram (assunto para próxima reunião).

QUESTÃO (03)

-Subsídio para SEMANA DO TRABALHADOR.

-INFRA-ESTRUTURA

-Serviços aos grupos com plantão e alguns subsídios para os Setores, Região e Comunidades etc...

-Presença nas coordenações de Setores, Conselhos de Comunidades.

-Debates sobre Constituinte, Pecotão, Plano Cruzado, Festa do Sorvete, Quermesses, Presença nos Grupos de Jovens lendo Formação.

QUESTÃO (04)

Militantes da Pastoral Operária tem atuação nos grupos:

-Favela, Saúde, Grupo de Negre, Conselho de Comunidade, Setores e da Região.

-Coordenação de Setor, Instituto de Teologia, Visitas ao Bairro, Associação de Trabalhadores, Curso Bíblicos etc...

Questionamento para a reunião do CRP: Como temos espaço de colocação quanto a Equipe da Pastoral Operária.

-Que as pessoas participando do grupo de Pastoral Operária já participam da Comunidade.

-A PO tem que ser nosso feijão com arroz do dia a dia. Sendo prioridade ou não. Precisemos continuar com o nosso compromisso de Trabalhador.

-A Igreja precisa analisar se cresceu na Luta pela Justiça e ver o Projeto do Profeta Amós, do contrário estamos fugindo do Compromisso de Cristo, comprometido com a JUSTIÇA.

-A raiz de outras de injustiça está no trabalho se não nos preocuparmos com este estamos sempre gerando Menores Abandonados Favelados etc...

-Precise levar a Religiosidade sim, mas com uma preocupação de não continuar na alienação de tempos atrás das fazendas etc... Temos momentos fortes que nos liberta, como a PAIXÃO DE CRISTO, e no entanto não sabemos.

O projeto de Deus precisa ser levado também para fora da Igreja.

-Colocar as nossas prioridades e o que fizemos.

-Sugestões para o Conselho Regional de Pastoral.

-As grandes decisões partem do CRP e não da Executiva.

AVISOS: Mov dos sem Terra precisa de apoio clarear a forma de apoio na próxima reunião.

-Próxima reunião de subsídio Dia 18/11/86

São Paulo 08/10/86

P/Grupo de Coordenação da Pastoral Operária

Marlene da Silva
Marlene da Silva

17
São Paulo, 10 de abril de 1979.

Encontro "MUNDO DO TRABALHO"

RELATÓRIO

O encontro das Pastorais Operárias da região começou com uma colocação de Valdemar Rossi sobre a REALIDADE SINDICAL ATUAL:

A grande maioria, senão a totalidade dos trabalhadores brasileiros não conhece o que é "democracia no sindicato", pois os sindicatos estão submetidos ao Ministério de Trabalho desde 1930, e especialmente depois de 1937.

Ainda hoje, a democracia dos sindicatos dos líderes "autênticos" é muito limitada, e reflete a falta de democracia que vive a sociedade brasileira. Sem falar dos outros sindicatos, que são a maioria.

Existe uma aspiração à prática democrática dentro do sindicalismo e dentro do Movimento Operário em geral. Uma participação que começa na sua seção da fábrica, passa aos grupos de base na fábrica (comissões de empresa) e chega assim, de baixo para cima, às decisões no sindicato em um sindicalismo de base.

O movimento sindical brasileiro jamais organizou os trabalhadores nas fábricas. E se não der chance aos operários para participar a partir das empresas, eles não serão nunca agentes da História.

As opiniões sindicais defendem essa linha "de baixo para cima"; uma linha de "autonomia" para as Comissões de fábrica nas suas questões de base, e de participação conjunta nas decisões gerais do Movimento operário (não defendem a "independência" das Comissões de fábrica).

A Pastoral Operária pode dar uma contribuição para levar a uma maior democracia nos sindicatos.

o.o.o.o.o.o.o

AS GREVES EM SÃO PAULO

Foram apresentados 3 relatórios sobre as greves metalúrgicas no Interior do Estado de São Paulo.

1. No ABC

Antes das greves, as diretorias convocaram reuniões por fábrica que escolheram um representante para as Comissões salariais. Em S. Bernardo começaram em novembro e em Santo André as comissões não conseguiram uma boa dinâmica, mas ajudaram para a organização da greve.

Foi modificado o tipo de greve, com relação a maio-junho do ano passado, já não mais greves de braços cruzados, no interior das fábricas; mas greves feitas fora da fábrica, pedindo aos trabalhadores ficarem nas suas casas, e formando "piquetes" pacíficos para convencer os companheiros a não entrar na fábrica. Primeiro foram feitos à porta das fábricas. Depois, quando a polícia não permitia conversas com os companheiros, os piquetes se faziam nos pontos de parada dos ônibus das firmas.

A intervenção nos 3 sindicatos atemorizou os operários, desarticulou a informação, e muitos entraram a trabalhar nas pequenas firmas

do ABC. Nas grandes firmas a greve continuou firme.

2

Nessas mesmas firmas pequenas, houve muitas demissões, apesar do acordo dos patrões em não punir os grevistas.

Aproximadamente 200 pessoas em S. Bernardo, Diadema e outro tanto em Santo André, pelo menos.

O.O.O.O.O.O

2. Em CAMPINAS

A assembléia foi feita depois da aceitação do acordo, por parte da Diretoria. Essa falta de democracia sindical revoltou os companheiros, e provocou a paralisação da Mercedes.

Os trabalhadores, no fim, pediram a colaboração da P. O. de Campinas.

No conjunto, faltou organização de base.

O.O.O.O.O.O

3. Em SUZANO

O pessoal não ficou contente com o aumento de 48% recebido em novembro.

O sindicato fez três assembléias, e na terceira se discutiu a greve e os piquetes, por 20% de aumento efetivo, condução, cafezinho, etc.

Na FARNEC parou tudo mundo, e na QUÍMICA uns quarenta.

A firma deu quase todas as reivindicações, mas os 20% serão descontados no deslúcio.

O.O.O.O.O.O.O

"DISCUSSÃO EM GRUPOS".

As perguntas para os círculos que se formaram no fim das colocações anteriores, foram as seguintes:

1.a pergunta:

Para onde queremos que marche o sindicalismo?...

Síntese das Respostas:

Desejamos um sindicato livre, sem vínculos políticos ou religiosos, organizado a partir das bases, e que permita a maior participação de cada trabalhador.

2.a pergunta:

Como participar para dar esta direção?...

Síntese das Respostas:

- Respeitando em nossas reuniões as opiniões dos companheiros, e exigindo que sejam ouvidos.

- Questionando o papel do Sindicalismo atual.

- Levando ao Sindicato as necessidades dos trabalhadores na fábrica.

- Lutando para a criação de Sub-sedes dos Sindicatos, onde é mais fácil a participação de todos.

3.a. pergunta:

Qual a contribuição da Pastoral Operária nesta luta?...

Síntese das Respostas:

Formando grupos nos bairros e nas fábricas:

- que conscientizem para uma maior participação nos Sindicatos.
- que despertem a consciência crítica sobre a ação muitas vezes não democrática dos Sindicatos.
- que levem os trabalhadores a reagir contra a opressão e pela justiça.

O.O.O.O.O.O.O.O.O

2º TEMPO

Depois de uma boa confraternização durante o almoço (infelizmente o tempo para esse pequeno descanso foi curto) passamos novamente a nos reunir por círculos, para trocar idéias sobre novos temas e chegar a algumas conclusões.

1º PONTO: Propostas para o 1º de Maio.

Foi informado que está se preparando um grande 1º de Maio Unitário, com duas reivindicações principais:

- Salário mínimo Nacional.
- Garantia no emprego.

Como essa data é próxima ao prazo dado pelo governo e patrões para resolver o problema do ABC (12 de Maio), o 1º de Maio será um ato de apoio aos metalúrgicos do ABC,

As propostas para uma ação da P. O. em relação ao 1º de Maio foram as seguintes:

- Planejar atos nas Igrejas o Domingo 29, e preparar subsídios para a liturgia.
- Boletins com referência a data e às greves do ABC e interior.
- Denunciar nesses atos a mudança da CLT de cima para baixo.
- Dar formação sobre a História das lutas dos trabalhadores antes de Getúlio.
- Atingir os jovens e as mulheres operários com toda essa conscientização.
- Utilizar peças de teatro e filmes como preparação ao 1º de Maio.
- Pedir que as coletas do domingo 29 nas missas sejam enviadas ao Fundo de Greve.

2º PONTO: Propostas de apoio aos grevistas.

- Fundo de Greve permanente. Continuar com os donativos.
- Carta aberta à população informando-a sobre os propósitos dos grevistas e das diversas fases de uma greve.
- Divulgação do Documento de Puebla.
- Dia Nacional de Protesto contra:
 - salários baixos, alta do custo de vida, legislação trabalhista repressiva a intervenção dos Sindicatos do ABC, o monopólio patronal.

O.O.O.O.O.O.O.O.O

"APROFUNDAMENTO EVANGÉLICO".

Foi pedido ao Pe. Carlos Tozâr fazer uma reflexão sobre os fatos apresentados no encontro, e sua relação com o Cristo.

Aqui está um resumo de suas palavras:

Durante o dia de hoje, a vida da classe operária da Região de São Paulo, suas aspirações, esperanças e sua luta estiveram vivas no meio de nós.

4

Aspirações:

A maior participação, ao respeito aos companheiros, à liberdade sindical, ao avanço político da classe, à União da classe operária, etc.

Lutas:

Vencer o medo, vencer o egoísmo, participação em piquetes, fidelidade à classe operária, preparação de um grande 1º de Maio, etc., etc..

Como se relacionam estes valores com os valores cristãos, evangélicos?...

Tem 3 tipos de resposta, que todos nós escutamos por aí:

- A primeira, é que os valores humanos não têm nada a ver com o Evangelho.

Ser cristão, para esta resposta, é ter fé, fazer "caridade", cumprir com as obrigações enquanto aos sacramentos, etc,...

Não vou me deter para responder a esta afirmação, pois ela mostra muito pouca compreensão do que é o Evangelho, e desconhece todos os ensinamentos do Vaticano II, Medellín e Puebla.

- Uma segunda resposta afirma que esses valores humanos da luta operária já são valores cristãos.

Em outras palavras, afirma que lutar por um sindicalismo mais forte e democrático, por exemplo, é ser cristão.

Isto tem uma grande parte de verdade, pois não é possível para um trabalhador cristão se omitir do compromisso sindical, se omitir frente a uma greve justa,

A vivência do Evangelho exige esses valores humanos que hoje lembramos.

Mas, eu acho que o Evangelho não se limita, não se reduz aos valores da luta operária, ou da luta contra a opressão.

Se for assim, aos poucos a Pastoral Operária, ou a Ação Católica Operária, se transformariam em um simples instrumento do movimento operário. E quando esse instrumento ficar inútil, a gente deixa o Evangelho, deixa a fé, e fica, só com a luta sindical e com a luta política, que seriam as únicas importantes.

- Vou propor uma terceira resposta, não por pretender que seja a única verdadeira, mas como uma pista para ajudar a reflexão. Eu acho que ela pode contribuir para articular melhor os valores humanos com a vida cristã, consciente e autêntica,. Seria esta:

Os valores da luta operária são uma manifestação dos valores Evangélicos, e mais ainda, são uma realização particular deles.

Porque essa explicação complicada, em lugar de dizer: os valores evangélicos são a mesma coisa que os valores humanos?...

Vejamos um exemplo: a união da classe operária.

Essa união, necessária para sair da opressão, hoje, mostra a união evangélica entre todos os homens é um ideal bacana que deve ser realizado um dia; mas hoje, a união que Deus quer é essa realização par

ticular, parcial e imperfeita, de uma união futura, melhor e mais completa. Então, a "união da classe operária" que devemos construir, não é a "união evangélica" para a qual também trabalhamos.

A mesma coisa poderíamos dizer das Liberdades operárias, e das liberdades democráticas, com relação à Liberdade de Cristo.

Para que servem então os valores cristãos?...

São só valores para o futuro ou para o outro mundo?...

Eu acho que não. Eles têm hoje e sempre, um papel crítico dos valores humanos, e da realidade social.

No exemplo da união da classe, existe o perigo de procurar a "união" só com aqueles trabalhadores que coincidem com minhas opiniões políticas, religiosas ou com minha categoria.

Aí entra o papel crítico do valor cristão de "união universal", de união ampla. Não para diminuir a luta operária, ou para condená-la, mas para fazer ela o mais ampla possível, para conquistar a Justiça nos limites da classe operária. Lembremos que é uma "realização particular".

Também esse papel crítico dos valores cristãos vai nos lembrar que o outro, o da outra classe, também é filho de Deus, e que o devemos respeitar mesmo que devamos o combater.

O Evangelho é então, um chamado a ir sempre mais longe, a sempre buscar "o mais perfeito". É uma sede de Absoluto, é uma abertura a um futuro melhor, sempre melhor.

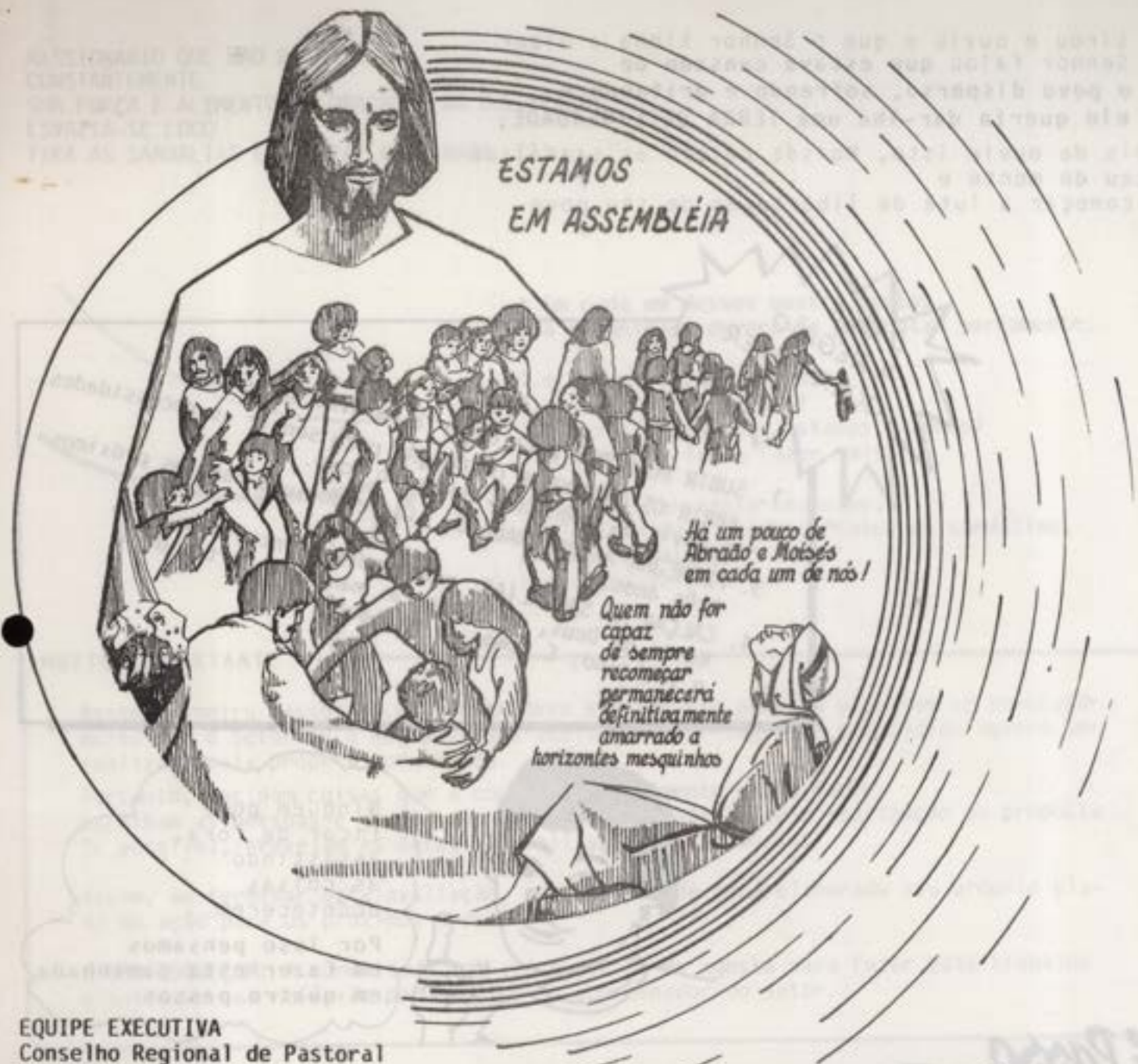
A Fé não passa de ser essa abertura ao Absoluto, à Deus.

O grande exemplo dessa sede de Absoluto é o próprio Cristo. Ele lutou, criticou, e sempre aspirou ao melhor: teve sede do Reino de Deus.

A Pastoral Operária e os Movimentos Operários de Igreja, não devem perder essa sede, esse espírito crítico que os leva a procurar sempre um futuro melhor e mais justo.

o.o.o.o.o.o.o.o.o.o.o





EQUIPE EXECUTIVA
Conselho Regional de Pastoral
Região São Miguel
Julho de 1986

CALÇE AS SANDÁLIAS

QUANDO ESTAMOS CANSADOS, TIRAMOS OS SAPATOS, ESTICAMOS AS PERNAS E QUEREMOS SOSSÊGO. QUE NINGUEM NOS AMOLE!!!

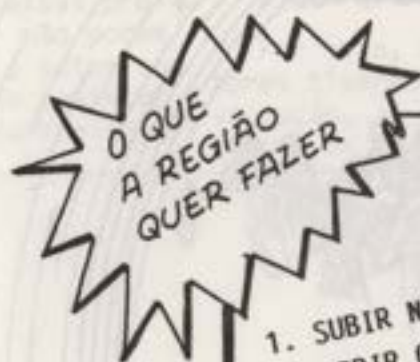
QUANDO O TRABALHO A NÍVEL REGIONAL (equipes e atividades) OU QUANDO AS GRANDES LUTAS (direitos humanos, terra, pastoral operária) PARECEM NÃO TRAZER OS RESULTADOS ESPERADOS OU APRESENTAM DIFICULDADES SÉRIAS, À MESMA TENTAÇÃO SOPRA EM NOSSOS OUVIDOS:

- * DEIXA A REGIÃO PRA LÁ!
- * ESSAS COISAS SÃO COMPLICADAS, DESGASTAM A GENTE!
- * CUIDE SO DE SUA COMUNIDADE. É MAIS SIMPLES E MUITO MAIS GRATIFICANTE!

E AS VEZES, TIRAMOS OS SAPATOS DA CAMINHADA REGIONAL E ESTICAMOS AS PERNAS...

Há muito tempo atrás, no alto do monte, uma voz que todos queremos ouvir, disse estas palavras a Moisés: "TIRE AS SANDÁLIAS!"

Ele tirou e ouviu o que o Senhor tinha a dizer.
 E O Senhor falou que estava cansado de
 ver o povo disperso, sofrendo e gritando e
 que ele queria dar-lhe uma **TERRA DE LIBERDADE**;
 Depois de ouvir isto, Moisés calçou as sandálias
 desceu do monte e
 foi começar a luta de libertação de seu povo



1. SUBIR NO MONTE para ouvir a palavra do Senhor
2. ABRIR OS OUVIDOS E O CORAÇÃO para sentir as necessidades e ouvir as sugestões do nosso povo.
3. PLANEJAR A CAMINHADA de vida e de luta para os próximos três anos.
4. CALÇAR AS SANDÁLIAS, reascender o entusiasmo pelo Reino de Deus, arregaçar as mangas e partir para o trabalho: E tempo de missão!



Ninguém pode
 ficar de fora,
 assistindo
 as coisas
 acontecerem.

Por isso pensamos
 em fazer esta caminhada
 em quatro passos

1º Passo



Comunidade

★ Reunir o Conselho da comunidade e os grupos de serviço para avaliar e rever a caminhada feita desde a Assembléia de ITAICI (novembro de 1983) até agora, analisando quatro pontos fundamentais:

1º Os serviços que a comunidade está prestando aos pobres.

- ★ os sem-terra
- sem trabalho
- sem direitos
- os menores abandonados
- os negros
- as mulheres
- os jovens

AFINAL, ESTA É A PRINCIPAL MISSÃO DA COMUNIDADE. A COMUNIDADE NÃO EXISTE PARA CUIDAR DE SI MESMA, MAS PARA SERVIR OS POBRES

2 Capacitação e formação dos nossos missionários leigos.

- ★ rever nossas escolas da fé a formação que é passada em nossos grupos de rua a preparação dos nossos ministros.

A MISSÃO CAIRÁ NO FRACASSO SE NOSSOS MISSIONÁRIOS NÃO ESTIVEREM BEM PREPARADOS.

3º Nossos organismos de comunhão e participação

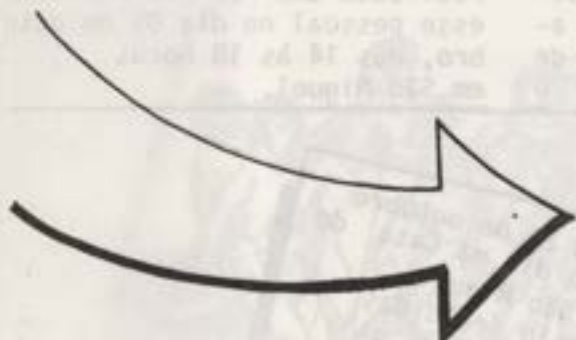
Conselhos de comunidade
 equipes de serviço

QUEM NÃO PARTICIPA DAS DECISÕES NÃO FAZ A EXPERIÊNCIA DE VIVER EM COMUNHÃO, NÃO SE RESPONSABILIZA PELAS TAREFAS E, PORTANTO, SERÁ UM PÉSSIMO MISSIONÁRIO

4º Espiritualidade e celebração da fé

- . a oração pessoal de cada um
- . as celebrações litúrgicas (batizados, crisma, penitência, casamentos...)
- . celebração da eucaristia

MISSIONÁRIO QUE NÃO BUSCA
CONSTANTEMENTE
SUA FORÇA E ALIMENTO NA ORAÇÃO E NA CELEBRAÇÃO
ESVAZIA-SE LOGO
TIRA AS SANDÁLIAS E NÃO FAZ MAIS NADA...



* Em cada um desses quatro pontos
a comunidade deverá se perguntar seriamente:

- 1.o que estamos fazendo?
- 2.como estamos fazendo?
- 3.é suficiente o que estamos fazendo?
- 4.o que deveríamos fazer mais?

E para ajudar neste trabalho,
foi elaborado o caderno "Calce as sandálias,
é tempo de missão!"
Use-o prá valer.

MUITO IMPORTANTE !!!

Neste primeiro passo, a comunidade deve avaliar sua própria vida sem se preocupar muito com o Setor ou a Região. Tudo aquilo que for sugerido e decidido deverá ser realizado pela própria comunidade.

Portanto, decidam coisas que a comunidade **realmente** possa fazer.
Escolham as pessoas e grupos que ficarão responsáveis pela realização da proposta.
Se possível, prevejam as datas de realização das propostas.

Assim, ao terminar esta avaliação, sua comunidade terá elaborado seu próprio plano de ação para os próximos anos.

E NÃO ESQUEÇAM: A comunidade tem até o dia **31 de agosto** para fazer este trabalho e entregar sua reflexão **por escrito** ao coordenador do setor.



2º Passo Setor

Depois que as comunidades tiverem realizado sua avaliação e entregado por escrito suas conclusões, o Conselho do Setor, os Agentes pastorais e equipes setoriais deverão se reunir para **estudar** todo este material.

Com isso, a Coordenação do Setor poderá conhecer como andam a vida e as preocupações das comunidades e, a partir daí, poderão ser traçadas as

linhas de atuação do Setor nos anos seguintes.

Para ajudar nos setores nesta tarefa tão importante, haverá um encontro de todas as coordenações setoriais e Conselho Regional de Pastoral **no dia 07 de setembro, das 14 às 18 horas em São Miguel.**

Sabemos que cada Setor tem sua própria maneira de viver e se organizar. Não adianta a gente querer uniformizar todo mundo dentro da mesma camisa. As diferenças são riquezas e precisam ser respeitadas.

Entretanto, as coisas próprias de cada setor não podem ser motivo para que o setor se sintam no direito de caminhar sozinho, desligado da Região.



3º Passo Região

Por isso, depois que os setores tiverem terminado sua avaliação, as Coordenações de Setor, as Equipes Regionais e

o Conselho Regional de Pastoral irão refletir sobre a maneira como a Região deveria caminhar nos próximos anos, prever as atividades que serão realizadas, quem realizará, quando...

Para trocarmos algumas ideias de como fazer isso, será realizada uma reunião de todo esse pessoal no dia 05 de outubro, das 14 às 18 horas em São Miguel.

4º Passo



Assembleia Regional

Será no dia 26 de outubro durante todo o dia na Casa de Encontros de São Miguel. Neste dia, serão decididas as linhas de trabalho e as atividades para os próximos anos.

E não paramos aqui. Terminada a Assembleia Regional de Pastoral, a Equipe Executiva, junto com o CRP deverão elaborar um programa de ação para que as decisões não fiquem somente no papel, mas sejam colocadas em prática.

Uma coisa a gente não pode esquecer:

Nossa região está ligada à arquidiocese de São Paulo. Aí também temos nossa parcela de responsabilidade para que a cidade, como um todo, seja evangelizada.

Em maio de 1987 nossa Região participará da Assembleia Arquidiocesana, levando para lá todas as nossas reflexões, decisões e projetos.

Como vocês podem perceber, o jeito de realizarmos a assembleia deste ano é bem diferente daquele que foi usado há três anos atrás quando fomos a Itaici.

A Assembleia regional de 1986 pretende que cada nível (comunidade, setor, região) caminhe com sua feição própria, planeje para si mesmo e execute aquilo que planejou.

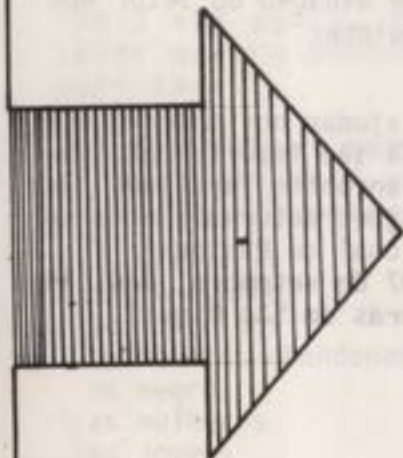
Para refrescar a memória aqui vão os passos e datas até a assembleia.

Respeitem esses prazos:

- * Até dia 31 de agosto as comunidades realizam suas assembleias
- * Até dia 30 de setembro os setores terminam seu trabalho
- * Até dia 20 de outubro a Região entrega suas propostas

Se você está nesta anote estas datas

- * Dia 07 de setembro: Reunião com todas as coordenações de Setor e o Conselho Regional de Pastoral. Das 14 às 18 hs Casa de Encontros de São Miguel
- * Dia 05 de outubro: Reunião com todas as coordenações de Setor, Equipes Regionais e Conselho Regional de Pastoral. Das 14 às 18 horas na casa de Encontros de São Miguel



REGIONAL CNBB SUL I

REUNIÃO DA EQUIPE COORDENADORA DO ENCONTRO REGIONAL DA PASTORAL OPERÁRIA
 REALIZADO EM CAMPINAS, AOS 27 DE SETEMBRO DE 1980

PRESENCAS:

Elí, São Paulo	Pessoto, Campinas
Gilberto, bispo, Campinas	Clareth, Guarulhos
Mário, Suzano	Terêncio, Campinas
Joaquim, São Paulo	Bernardo, Santo André
Fraxedes, Campinas	Raimundo, Guarulhos
Carlos, Santo André	

ASSUNTO: criação da Comissão Regional da Pastoral Operária.

- . À última reunião da Comissão Representativa da CNBB, Região Sul I, esteve presente Padre Raimundo Forget, representando a equipe que preparou e coordena o Encontro Regional. Nessa reunião percebeu-se a conveniência de se formar uma Comissão Regional que articule a caminhada dos grupos de P.O. nas diversas Dioceses.
- . Pe. Raimundo fará a ligação necessária entre a Comissão de Pastoral Operária e a Comissão Representativa. Os srs. bispos aprovam esta sugestão, que, aliás, partiu deles próprios.
- . Discutiram-se os diversos critérios e maneiras de encaminhar a formação da Comissão Regional da Pastoral Operária.
- . Todos concordaram que essa Comissão será um grupo de serviço ao Movimento Operário, reconhecido e apoiado pelo Regional da CNBB.
- . Deve-se levar em conta a possibilidade dos componentes da Comissão se reunirem com a frequência necessária. Para isso, um dos requisitos é que o número de componentes não seja muito grande.
- . Terão representantes na Comissão Regional as Dioceses onde a Pastoral Operária já tem uma experiência significativa..
- . Nestas condições estão as seguintes Dioceses: São Paulo, Mogi das Cruzes, Santo André e Campinas.
- . Cada uma destas Dioceses, através da Coordenação da Pastoral Operária, enviarão um elemento para a Comissão Regional, se possível, um leigo. São Paulo terá dois (2) elementos devido a importância do Movimento Operário naquela Diocese.
- . Como a Coordenação da P.O. de São Paulo não está representada nesta reunião, o Pe. Pessoto encarregou-se de informar D. Angélico destas decisões.
- . Se houver necessidade, a Comissão Regional escolherá mais um padre, além do pe. Raimundo, para integrá-la.
- . Os escolhidos pela P.O. das Dioceses (leigos ou padres) serão aprovados pelos respectivos bispos, sendo depois seus nomes encaminhados ao Pe. Pessoto (Regional CNBB, Sul I, Avenida Higienópolis, nº 901, São Paulo, Capital) até o dia 15 de novembro. Pe. Pessoto encarregou-se de levar esses nomes à aprovação da Comissão Representativa da CNBB,

CONTRIBUIÇÃO DE SÃO PAULO PARA O ENCONTRO NACIONAL
DE PASTORAL OPERÁRIA - 5 e 6/12/81

I. - SITUAÇÃO GERAL DO MOVIMENTO OPERÁRIO

O Brasil é um país de sistema capitalista, que só se mantém através da exploração e opressão. Este sistema é bem organizado e planejado a nível mundial. Os maiores, as potências exploram os menores. O Brasil não foge à regra.

Avaliando o ano de 1981, vemos que foi um ano difícil para os trabalhadores, devido ao desemprego que foi usado pelo governo como arma para desmobilizar e pressionar a classe operária. Em parte o governo atingiu seus objetivos pois este ano a classe operária não avançou muito nas suas lutas.

Vimos por ex. em São Bernardo onde é mais avançada a organização grandes demissões na VOLKS, MERCEDES etc. sem que os operários conseguissem impedir isto. Outro exemplo foi a condenação dos 11 sindicalistas nos mesmos dias em que o governo deveria responder as reivindicações tiradas na CONCLAT.

Por outro lado percebemos que o governo não atingiu totalmente seus objetivos. Exemplo disso são algumas mobilizações e vitórias alcançadas: realizou-se a 1ª CONCLAT, reunindo mais de 5.000 trabalhadores; várias greves como a da PIRATININGA no início do ano e mais recentemente a da MASSEY-FERGUSON e FORD todas elas vitoriosas.

Outro acontecimento importante foram as eleições sindicais quando vários sindicatos foram ganhos por oposições e outras oposições mesmo não ganhando demonstraram um peso importante nas suas categorias.

Temos também no campo experiências importantes como a luta de RONDA ALTA; Sindicatos rurais ganhos por oposições e a significativa participação de lavradores na CONCLAT.

Com tudo isto percebe-se que os trabalhadores não se subordina-
nam tão facilmente. Suas lutas vem de anos permitindo um acúmulo de experiência e consciência.

Num momento como este que estamos vivendo, quando o desemprego está na nossa sombra, sem condições de grandes mobilizações é necessário continuaree intensificar o trabalho de organização de base.

II. - ATUAÇÃO DA PASTORAL OPERÁRIA

a) - 1º de Maio: não foi possível tirar um dia unificado. A atuação da Pastoral Operária variou de região para região dependendo das situações existentes.

- . houve discussões antes de assumirmos as manifestações.
- . foi feito material unificado da Pastoral Operária no Estado de São Paulo.
- . a Pastoral Operária promoveu a Semana do Trabalhador que teve resultado positivo.

b) - Eleições Sindicais:

Em quase todos os lugares a Pastoral Operária esteve trabalhando para tirar os pelegos das direções Sindicais ou reforçar os autênticos, sendo que em alguns lugares obteve vitória como: Ribeirão, São Bernardo, Recife etc. Sua participação foi concreta indo nas portas de fábrica, vendendo cartazes etc.. Mas também é certo que algumas vezes foi simples tarefeira, não promovendo discussões mais políticas.

c) - CONCLAT :

- . Alguns militantes que estão no movimento ativamente participaram bastante das discussões e efetivamente da Conferência. Mas a Pastoral Operária como um todo não aprofundou. "Não houve aprofundamento sobre a importância e sobre as Bandeiras de Luta.
- . Deve-se retomar a sua história.
- . No encontro do ANAMPOS que teve em São Bernardo sobre a CONCLAT a P.O. deveria ter levado propostas e influenciar mais. Aproveitar mais estes espaços.

d) - Campanhas Salariais:

Podemos dizer que uma das movimentações mais importantes são as Campanhas Salariais. São nessas Campanhas que as categorias levam as suas reivindicações para a mesa dos patrões. Os trabalhadores devem se organizar para pressionar os patrões e o governo e é nesse momento que a Pastoral Operária deve dar contribuição na organização de base.

Não tendo atendidas suas reivindicações, quando organizadas, as categorias podem ir à greve, fazer operação tartaruga, operação zelo e outras.

III - PROPOSTAS:

1) - Ter uma Plataforma de Princípios:

- . Se posicionar contra a Estrutura Sindical
- . Dar orientação e formação para os seus militantes no sentido que eles organizem Grupos de Fábricas com atuação junto ao movimento operário. (Grupo de Fábrica Independente P.O.)
- . Os militantes da Pastoral Operária devem participar do seu Sindicato e das Oposições Sindicais. Deve ser sindicalizado e sindicalizar seus companheiros.
- . A Pastoral Operária deve ter uma atuação no bairro mas também levar um trabalho sindical.
- . Dar prioridade a formação da consciência crítica do trabalhador (estudo).
- . Reforçar as Oposições que se definem contra a Estrutura Sindical em todo o Brasil.

2) - Levar para dentro da Pastoral Operária as discussões sobre :

- Situação Política Econômica Social do Brasil
- Tendências Partidárias
- Eleições Parlamentares

- 3) - Nos Estados que existir pólo industrial formar Comissões Estaduais
- 4) - Apoio aos militantes da Pastoral Operária que estão em diretorias de Sindicato no sentido de aprofundamento e troca de experiências.
- 5) - Levar propostas tiradas na 1ª CONCLAT para aprofundamento visando a preparação da 2ª CONCLAT e formação da CUT.
- 6) - A articulação ANAMPOS (João Monlevade) deve ser melhor discutida dentro da Pastoral Operária para se ter uma participação mais efetiva.

Retrato da situação da Pastoral Operária no Brasil

Constatou-se de maneira geral, que a ação dos militantes cristãos é marcada pelo ativismo e por uma grande carência teológica que os impede de situar suas experiências dentro de um contexto global em que ressaltem perspectivas mais amplas para a ação.

Além disso salientou-se o baixo nível de consciência social dos militantes, que embora engajados a fundo em termos pessoais, são incapazes de saber para onde se dirige toda essa gama de experiências pessoais muito ricas. Isto impede de certa forma, que se distingam os contornos da nova sociedade, embora haja unanimidade na crítica à ordem social em vigor.

Para comprovar esta afirmação, foi salientado o fato de os militantes terem sido capazes de produzir farto material descritivo sobre as greves de 1978 em S.P. contudo, esses folhetos aparecem como uma simples colcha de retalhos, pois são incapazes de fornecer uma análise política dos acontecimentos e de tirar conclusões para orientação dos militantes.

Além dos problemas relacionados com a formação política limitada que gera uma perspectiva de curto prazo, quase imediatista, verificou-se que há um desnível acentuado entre as experiências das diversas regiões. Concluiu-se que tal desnível é ~~consequência~~ consequência do isolamento em que elas se desenrolam. De fato, elas parecem dar-se todas, mesmo as de S. Paulo, em uma perspectiva local, sem qualquer conteúdo global, nem mesmo regional ou nacional.

No entanto, essas dificuldades parecem ser contrabalançadas, em parte, pelo profundo engajamento dos militantes e pela constatação de que, pelo menos alguns setores da classe operária lutam para ser sujeitos de sua história.. (cf. texto do encontro)

UMA COMISSÃO DE PASTORAL OPERÁRIA - PROPOSTAS DE AÇÃO

A partir destas constatações, os participantes do encontro de dezembro de 1978 julgaram oportuna a formação de uma Comissão (provisória) de Pastoral Operária, apresentando, em seguida, um programa mínimo de trabalho, cujos pontos principais seriam os seguintes:

1. ORIENTAÇÃO, baseada no estudo das experiências feitas pela base
2. ARTICULAÇÃO, a nível nacional que, para ser viável, deve assentar-se na existência de comissões regionais capazes de complementar o trabalho da C.P.O.
3. INFORMAÇÃO, consistindo de subsídios para reflexão tiradas do tratamento sistemático das experiências em curso. Como instrumento de informação, foi sugerida a criação de 1 boletim ou jornal.
4. TREINAMENTO baseado na análise da conjuntura econômico, política e social do país, no estudo das experiências da base operária e nos fundamentos cristãos da pastoral operária.

Em 1977, em colaboração com a CNBB, foi realizado um Congresso sobre a Pastoral operária, com a presença de umas 80 pessoas, entre operários, padres, agentes e bispos. nesse encontro, realizado em Nova Iguaçu, entre outras decisões foi resolvido que haveria um novo encontro em 1978

Em dez. de 78 reuniram-se umas 40 pessoas ligadas à ação pastoral da Igreja no meio operário, na sua maioria trabalhadores urbanos. Neste encontro, que se realizou também em Nova Iguaçu, os participantes foram unânimes em reconhecer que o trabalhador deve ser o sujeito de sua própria libertação e a organização dos trabalhadores deve partir de sua própria ação.

Neste sentido concluíram que a contribuição dos militantes cristãos no processo de libertação do trabalhador é possível de ser organizada em torno dos pontos seguintes:

- a criação de uma articulação nacional dos militantes cristãos em torno de uma linha de política operária capaz de promover a união de todos os trabalhadores.
- a luta pela mudança da estrutura sindical, a partir da implantação do sindicato de base nas empresas.

XXXXXXXXXXXX

Em Arrozal onde se localiza o Centro de Treinamento da Diocese de Volta Redonda realizou-se nos dias 15 a 21 de abril o 4º Encontro Latino Americano do Mov. Operário da Ação Católica. - 15 países latinos americanos

- a) a realidade latino americano
- b) a resposta do mov. operario a esta realidade
- c) o papel de Igreja presente e viva na Am. Latina.

Terminado o Encontro em Arrozal, os delegados eleitos partiram para Estrasburgo na França, onde foram participar do Conselho Mundial de Trab. Cristãos, que começou no dia 25 de abril até 5 de maio.

A Pastoral Operaria oficialmente estabelecida na Arquidiocese de S. Paulo, com a coordenação do bispo D. Angelico Sandalo Bernardino, vem manifestar seu apoio à luta dos trabalhadores metalurgicos do ABC e Interior esclarecendo o seguinte: a) a greve é justa. A greve é legitima porque é o grande instrumento dos trabalhadores.....

Divulguem estas posições de apoio à greve nas igrejas, comunidades, grupos bairros e nos lugares de trabalho. Dem seu apoio financeiro ao fundo da greve enviando a sua colaboração aos sindicatos ou através das Igrejas. Lembremos que estamos dentro da Campanha da Fraternidade que nos chama a ser solidários para preservar o que é de toso" e isto inclui: salario mais justo, direito ao trabalho, direito de greve e direito de livre organização operaria.

ENCONTRO - SEMINÁRIO DE PASTORAL OPERÁRIA

Nova Iguaçu - RJ - 9 a 11 de abril de 1980

Aberta a sessão com a presença de 25 participantes, Pe. Agostinho Pretto começou explicando COMO NASCEU ESTE ENCONTRO.

Na primeira reunião da CNEB em Brasília, apareceu muita gente para sondar o ambiente e ver a caminhada. Foi muito animador e todos os setores se acercaram. Pe. Angelo Perin levantou a idéia de dar aos sub-secretariados, a oportunidade de um encontro mais íntimo, com a finalidade de informar e colocar em comum as experiências e ver até que ponto se consegue ser uma presença eficaz no mundo do trabalho. Nesse sentido, o que acontece hoje no ABC é um teste. No 8º dia de greve dos metalúrgicos, a Igreja está presente. Domingo havia mais de 60 mil pessoas na missa.

Pe. Angelo Perin sempre nos desafiava para este encontro de sub-secretários, assessores e teólogos. É uma experiência nova, mas significativa, porque, se os sub-secretários forem um elemento de ligação das bases com os Bispos, serão uma força nova. Não é uma tarefa fácil, mas é determinante. Queríamos que fosse um encontro para que os sub-secretários pudessem perguntar, contribuir dentro de uma crítica construtiva. Ver onde estão os estrangulamentos.

Para começar, pediu-se ao Pe. Raimundo José que fizesse o histórico da caminhada, em que momento estamos e onde chegamos. Depois teríamos um trabalho de grupo aproximando mais os Regionais - em que pé estão as experiências e onde se quer chegar.

Pe. Raimundo José:- Acompanhei o movimento de 77 para cá. Baseado no testemunho do que escutei nos últimos encontros, sobretudo nos de 77 e 78 que têm suas conclusões na Separata do Comunicado Mensal da CNEB (Fev 79 - PASTORAL OPERÁRIA). A partir da página 79, o histórico do Movimento Operário no Brasil. Começa no momento em que a P. O. encontra dificuldades para agir, na década de 60. Em 1968, praticamente a Ação Católica foi dissolvida e como consequência entrou em fase de desarticulação, pelo menos oficialmente. A faixa operária foi a única que se sustentou. Nessa época ocorre também a reestruturação da CNEB. Até aquele momento havia secretariados.

Em 1966 a CNEB lançou o Plano de Pastoral de Conjunto. Aboliu-se em 70, o sistema dos secretariados e estabeleceu-se o de "Linhas". Na Linha I entravam todas as Pastorais. Ficou condicionada por duas circunstâncias: a dissolução da Ação Católica e a crise do clero. A CNEB se concentrou no problema dos Presbíteros e o Apostolado dos Leigos ficou meio "à margem" e ao lado disso a perseguição aos leigos engajados sob a motivação e acusação de subversão, vem o capítulo de torturas e prisões.

Como é que reagiram? É o capítulo mais importante na Pastoral Operária, foi uma atitude de realismo que levou à conclusão: é impossível uma ação orgânica de conjunto, pelo menos, ostensivamente, e, a consciência dessa necessidade fez com que procurassem uma saída. Nunca deixaram de agir e tentar passos de ação em conjunto.

1973-1974. Pela mediação de alguns Bispos, em Caxias do Sul, houve um encontro. Constataram que havia necessidade de um trabalho de pastoral no setor rural e popular. Na época difícil, não havia condições para falar e tinham que se articular entre si. Nas assembleias havia encontros em pequenos grupos e viram que tinham que fazer pronunciamentos em conjunto, por grupos de regiões. E, numa reunião em Salvador, fizeram um programa para estes pronunciamentos: "Ouvi os clamores do povo", "Marginalização de um povo", etc.

Sabemos das reações: a gráfica que os imprimiu, foi empastelada. Criaram problemas até com os Bispos que assinaram os documentos.

Em fevereiro de 74, em Salvador, 7 Bispos e 30 outras pessoas fizeram o balanço da situação e concluíram que era necessário tentar uma ação de conjunto. Os Bispos em cartas particulares, convocaram a reunião. A tônica foi o medo. Havia duas experiências - a dos Bispos e a dos leigos. Dois mundos caminhando separados. Não havia articulação nem conhecimento entre eles e tomou-se a resolução de estabelecer uma equipe para fazer o levantamento do que existia pelo Brasil, no campo de Pastoral Operária, com enfoque acentuado no setor popular.

Dez meses depois fez-se uma reunião em Belo Horizonte. O resultado excedeu às expectativas. Voltou a esperança porque se verificou que havia um trabalho de base com ênfase de ter sempre como referência, a Pastoral Operária. Havia clubes, grupos de reflexão, etc. Conclusão - a meta seria conseguir uma ação conjunta, para isso se fez um levantamento e distribuição de tarefas.

Em 75, houve dois encontros em S. Paulo, com o objetivo de elaborar métodos de leitura e análise a partir das experiências e situações atuais. Tomou-se o compromisso de fazer circular os resultados dessas reuniões. Consequência: uma certa integração do trabalho. A necessidade de articulação foi se acentuando e localizando.

No Rio Grande do Sul resolveram fazer um encontro estadual, em 1975, compareceram mais ou menos 100 pessoas, vindas de Sta. Catarina e do Paraná. Fez-se uma análise das experiências de pastoral popular. Resolveu-se buscar como ajudar o povo a sobreviver e a organizar-se, a partir da própria realidade e do Evangelho.

Também houve encontros no Rio e no Pará e como estavam sendo analisados no setor urbano e rural, a problemática da terra tomou importância. Em 1975, em Goiânia, nasceu Comissão de Pastoral da Terra (C.P.T.).

Em 1976, Nova Iguaçu começou a ser o centro destes encontros. Reuniram-se aí, representantes de 7 Estados. Chegou-se à conclusão de que era importante a criação de um instrumento de articulação capaz de informar com rapidez e verdade, o trabalhador.

O primeiro Encontro Nacional foi em 76. A CNEB começou a se tornar mais presente. Fez-se um balanço e se refletiu sobre o que a Classe Operária apresentava à Pastoral como desafio. O exemplo da C. P. T. que tem um Bispo na presidência, foi uma inspiração.

Encontro de mais de 80 pessoas, em Salvador, no ano de 77. Análise dos progressos.

Em 78, no 4º Plano Biental da CNEB se incluiu dois encontros da P.O. Neste mesmo ano chegou-se à conclusão de que já se podia iniciar a C.P.O. Um encontro que houve em Nova Iguaçu, criou-se a C.P.O. incluída na linha 1 da CNEB e tendo D. Cláudio Hummes como presidente.

PARA TRABALHO DE GRUPOS, POR REGIONAIS

Primeira questão:

Quais as experiências mais significativas que estão em marcha no seu regional - CPO - CPT - CIMI?

NORDESTE:

O ponto importante é o êxodo rural, pois a população do campo vai para a periferia de onde é chutada para mais longe. Caso de ALAGAMAR, é o exemplo do problema da terra em relação ao qual, agora, em Itaici, os Bispos tomaram posição.

EXTREMO OESTE:

Em 77, entrou no Plano Regional a prioridade de despertar a responsabilidade dos marginalizados, que desencadeou vários projetos. Em 79, este assunto entrou como objetivo no Plano Biental com a prioridade de atender a dignidade e os direitos dos trabalhadores. Propõe também vários projetos sobre a análise da situação. Tiveram muita influência os "subsídios para uma nova ordem social". Isto é, refletindo em pequenos grupos, principalmente através da C.P.T. e do C I M I, que têm uma coordenação em cada Estado do Regional. A C.P.T. e o C.I.M.I., entretanto, sofrem muita pressão.

NORTE 2:

Não se pode dizer que foi a partir do Episcopado que nasceram os movimentos de luta pelos trabalhadores. Há uma ou outra experiência a partir de 71 e 72. O grande problema é o da terra. O próprio problema exigiu uma tomada de posição. Tomou corpo na criação da C.P.T - FASE e S. dos Direitos Humanos. Trabalhando em conjunto, foram abrindo brechas. A assistência ao trabalhador dada pelas igrejas locais, surgiu por pressão. Durante a Semana Santa houve um encontro regional de trabalhadores rurais e urbanos. O trabalho do CIMI não é muito forte. As três forças apoiadas pela Igreja são: CPT - FASE - SDH. As CEBs também ajudaram na tomada de consciência.

NORTE 1:

A grande constante é o problema da terra. Há oposição por parte de congregações religiosas comprometidas com o Governo. CIMI e CPT são mal vistos.

RIO:

Houve avanços políticos com as greves. Os Sindicatos estão sem propostas e sem mobilização nas bases. Os trabalhadores são mal informados e confusos, mas querem caminhar. Há grupos presentes no meio operário. O trabalhador da região do Rio tem uma nova consciência com a ajuda de líderes. A FETAG e a CPT estão ativos. A resistência é maior onde

há problemas de terra. Estamos juntando as Associações de favelados, mas há tensões quanto ao controle delas.

S Ã O P A U L O

Com o problemas sindical, estamos aprendendo a nos organizar. Foi importante a formação de comissões de fábricas. Existe já a aproximação das lideranças mais autênticas com as Oposições Sindicais. O grupo chamado UNIDADE SINDICAL está desmobilizando a Classe, pois se trata da unidade em torno dos pelegos e do sindicato vertical.

S U L 3

CPO - experiências não oficiais.

CPT - como CPT, alguns núcleos, mas existe há muitos anos, a FAG (Frente Agrária Gaúcha), responsável por uma longa série de reivindicações e conquistas, como no caso do confisco da soja. Fazem campanha de conscientização em prol do Cooperativismo e do Sindicalismo rural. Destaque para CIMI - O RS faz parte do CIMI-SUL, com sede em Xanxerê-SC.

S U L 2

CPT - se interessa pelos problemas "quentes" como: barragens, desapropriações de terra, boias frias, oposição sindical, luta contra o confisco da soja. A Pastoral Rural é mais abrangente, global. CPT e Pastoral Rural nasceram de grupos de CEBs na área rural.

CPO - quase que só em Curitiba. Começou com grupos de bairro (CEBs). Grupos de operários. Em Curitiba, há mais ou menos 20 destes grupos.

1979 - greve dos metalúrgicos e greve dos operários da construção civil. Presença marcante da CPO. A Arquidiocese (SP) assume, se define e funda a Comissão Pastoral do Trabalho.

S U L 4

CPT - restringe-se ao oeste do Estado. Promove encontros regionais e mini-encontros. Alerta e conscientiza os lavradores e os trabalhadores do setor rural. Por ex: no caso das barragens, dos integrados e no caso da abertura de estradas. Há um despertar.

CPO - No começo, em Joinville, bairro da Floresta, maioria de operários. Nasceu de CEBs. Os grupos se multiplicam, se conscientizam. Lançaram manifestos. Denunciaram irregularidades em empresas da cidade o que causou demissões. Lançaram-se na campanha salarial com bons resultados, solidariedade maior entre os operários e da população para com os operários. A CNEB assumiu todos os encontros de CPO e CPT.

Q U E S T Ã O 2

"A partir destas experiências, quais as questões de fundo a serem levantadas e aprofundadas?"

Respostas:

- 1 - Qual o lugar da CPO, CPT, CIMI na luta e no movimento dos trabalhadores? Até onde vai o papel da Igreja para não substituir os trabalhadores?
- 2 - Qual a missão da Igreja na luta dos trabalhadores? Como conscientizar Bispos

e padres para a causa dos trabalhadores? Como colocar e aplicar a posição dos documentos oficiais da Igreja?

- 3 - Nos trabalhos da CPO, da CPT e do CIMI, qual deve ser o engajamento político? É possível engajamento numa política partidária?
- 4 - O que se entende por Oposição Sindical? Quais suas bandeiras de luta?
- 5 - Como articular as lutas CPO, CPT, CIMI e outras?
- 6 - Como garantir a ligação campo-cidade?
- 7 Quais os novos passos do sindicalismo;
- 8 - Que significa o nascimento dos Partidos?
- 9 - A formação de lideranças no movimento popular (MP) e no movimento operário?(MO)
- 10 - A greve, não é elitismo operário?
- 11 - Qual o essencial, o específico que a pastoral deve garantir?
- 12 - Como orientar os trabalhadores para conservarem seus valores e inserir-se na classe trabalhadora?
- 13-- O problema da renovação das lideranças - quando entram num engajamento social.

Possível definição de problemas de fundo:

- Examinar a consistência do mundo operário e se existe Movimento Operário.
- Se a Igreja é hoje presença de Cristo que assumiu a salvação de todos. Se há uma pastoral específica para os operários?
- Dentro da PO, em que consistiria a militância cristã?
- Articulação da Pastoral a nível vertical e horizontal dentro da Igreja e entre os vários movimentos, dentro e fora da Igreja. (Enfoque especial na força do sindicalismo).

PAINEL SOBRE A SITUAÇÃO OPERÁRIA

CASTRO ALVES:

Vão aqui algumas balizas do projeto econômico a partir de 64, e dos problemas que trouxe para os trabalhadores. A política econômica que culmina com a concentração de renda sempre mais crescente. Em 64, o índice de 0,560 passou a 0,863 em 76. Sómente o Gabão, Iraque, Peru, Equador e Panamá, têm índices maiores do que o Brasil.

Parte do salário no custo da produção industrial: em 64 era 12,1% a parte dos salários. Em 68, era apenas de 5,6%.

Mecanismos de poupança forçada: PIS e FGTS. O trabalhador é obrigado a poupar, através dos mecanismos criados pelo Governo, como PIS/PASEP e o FGTS, para que esses fundos enormes sejam usados pelas empresas em seus investimentos, concentrando mais ainda a renda. A título de exemplo, vemos que do FGTS somente 30% foram empregados em casas populares.

Fiscalidade: O mecanismo do Fisco foi utilizado para financiar pelo menos 50% dos grandes projetos agro-industriais e industriais.

Dívida externa: 1979 era de 52 bilhões de dólares, isto é, 1/5 do total da dívida

dos países sub-desenvolvidos. Para pagar, somos obrigados a reduzir e exportar. Em 1978, 70% da exportação era para pagar juros e amortização.

Inflação: É utilizada para retirar a parte do assalariado. Por ex: Um salário real em 1964 = 100. Em 1976 = 69. Ao mesmo tempo a produtividade subiu de 100 para 204. Na atualidade os operários compreenderam que a política econômica do país era apoiada na exploração cada vez maior da Classe Operária.

Em 1967, um grupo de Oposição Sindical começou a estudar como combater a política salarial. Nesse grupo havia muitos militantes da Ação Católica e com eles é que se a Pastoral Operária.

CLÁUDIO ARAÚJO

Em 1964 houve a necessidade de uma ruptura política com o populismo, para implantação de um novo modelo de acumulação de capital no país. Este modelo estava baseado numa política econômica que se fundamentava no arrocho salarial, na concentração da renda, o que só seria possível com uma intensa repressão aos movimentos populares. Assim, o Governo decretou a Lei 4.330 proibindo a greve, efetuou 433 intervenções em Sindicatos entre 1964-1965. Desde então, os canais de participação política da sociedade civil foram sendo progressivamente obstruídos: em 1965 foi editado o AI-2 que acabava a pluralidade partidária, estabelecendo o bi-partidarismo com a criação da ARENA e do MDB.

Já em 1967-68, com o país ainda imerso na crise econômica, as contradições sociais se aprofundaram e o Governo Costa e Silva passou a falar em "liberalização política", que o homem era o objetivo último do Governo, etc. Quando explode a greve dos metalúrgicos de Contagem (MG), o então Ministro do Trabalho, Jarbas Passarinho, foi dialogar com os grevistas. Os estudantes iniciavam suas mobilizações recebendo o apoio de outros setores da sociedade. Em S. Paulo no 1º de maio de 1968, os operários expulsam os governantes do palanque oficial. A sociedade civil se reconstituía dos golpes e o Governo começava a perder o controle do processo político. Quando surge a greve dos metalúrgicos de Osasco (SP), o Governo desencadeia a repressão contra os operários. Era o início do fechamento total do regime militar, consolidado logo após com a posse da Junta Militar após a morte de Costa e Silva e com a edição do AI-5.

As esquerdas se dividiram e passaram para luta frontal contra o Estado, que por sua vez se armou de um aparato repressivo nunca visto na História do país. A crise econômica começava a ser debelada e o país entrava no ciclo expansivo que ficou conhecido como "milagre econômico". Uma grande propaganda ideológica cimentava a unidade do regime e a censura à imprensa ajudava a esconder a luta daqueles que se rebelavam contra o regime.

Nesta mesma época, um acontecimento expressivo foi Medellín, que traçou novas linhas para atuação pastoral da Igreja na América Latina. O cruzamento de Medellín com o fechamento do regime militar, com a consequente eliminação dos canais políticos da sociedade civil, colocou praticamente a Igreja como principal instituição que fez frente ao autoritarismo militar. A Igreja tornou-se o principal canal de acumulação de forças na luta pela democracia. De um lado, a Igreja e do outro o Estado como as principais instituições.

Nos anos negros que vão de 1969 até 1973, os trabalhadores procuraram novas formas de luta e de organização, marcadas principalmente pela autonomia. Foi um trabalho de formiga, de acumulação de forças a partir da resistência pela base. No período que vai de 1973 a 1977, apesar da censura à imprensa, foi registrado um total de 34 ações de resistência pela base. Em diversas regiões - greve total ou parcial, greve horas-extra - operação tartaruga, depredações, manifestações por desemprego, etc.

Com o fim do "milagre econômico" a partir de 1973, a unidade do regime se desfaz e a sociedade civil se fortalece. As eleições de 74 são a expressão do descontentamento popular e das camadas médias e até de setores burgueses com o regime. Desde então, as eleições passaram a ter um caráter de plebiscito. Uma série de ações são desencadeadas pelo Movimento Popular que revelam as pressões vindas das bases. O Governo Geisel é forçado a reformular a política do regime, começa então a se falar em "abertura", etc. É a época dos "pacotes" políticos e econômicos. O Governo se adianta para continuar dando as cartas do jogo, a anistia parcial, a nova política salarial, a reforma partidária e outros lances que, na verdade, são táticas do regime. Faz concessões para não abrir mão do essencial - a permanência da sua dominação. A acumulação de forças operada na sociedade civil, principalmente no movimento operário-sindical, desponta nas greves de 1978, 1979 e 1980, marcando uma etapa nova para o Movimento Operário.

Quanto à reforma partidária, o regime obteve o que esperava, conseguiu dividir a oposição que se fazia representar no MDB, enquanto frente eleitoral unificada, que sem dúvida, através da participação eleitoral tinha todas as chances de obter maioria no Congresso. Fundamentalmente, eram esperados 4 Partidos: o PDS (Partido do Governo), o PTB (Partido de linha auxiliar do Governo) e PMDB e PTB (Partidos de Oposição). Porém, surgiu a proposta do PT, que não estava nos planos do Governo. O PT é fruto das lutas sociais destes últimos anos de opressão. Por sua vez, a esquerda se dividiu: a tradicional passou a apoiar o PMDB, e os demais grupos passaram a apoiar o PT, com algumas exceções que apoiam o PTB. O PCB é atingido em cheio pelo aguçamento das contradições sociais e está dividido, como já tinha sucedido em 1967-68, quando surgiram várias cisões no seu interior. Na realidade, estes Partidos pouco ou nada têm de novo. Aí estão a UDN, o PSD, o PTB, o PCB, que desde 1945 fazem parte da vida partidária do país. Apenas estavam "enfiados" nas camisas-de-força que foram o MDB e a ARENA, e com a ampliação do leque partidário, é lógico que os grupos sociais buscassem seus canais próprios de participação política. Se não o fazem totalmente, é devido ao caráter restritivo da reforma partidária que não permite a ampla liberdade de organização. Assim, os Partidos ditos operários, são obrigados a se colocarem na "garupa" dos que aí estão. Em termos de novidade, enquanto proposta rica de possibilidades para participação política-partidária dos trabalhadores, é sem dúvida a do PT, justamente por ser expressão das lutas autônomas dos movimentos sociais nos últimos 15 anos.

A época nova do Movimento Operário no Brasil, que tudo indica ser irreversível tem como presença efetiva a Igreja, através das Pastorais Operárias e da Terra e dos vários Movimentos de Base, assinalando uma linha nova, que já é uma componente essencial das transformações sociais no Continente, como são exemplo a Nicarágua e El Salvador.

JOSÉ IBRAHIM

A questão sindical: Data desde o surgimento da Classe Operária quando surgiram as primeiras oficinas de artesanatos na Europa. Os trabalhadores sem nenhuma proteção, instituíram as caixas de ajuda mútua para defender-se, mas perceberam que o problema não era só o de assistência. Era necessário a união de todos. Surgiram os Sindicatos.

No Brasil, no fim do século, o sindicalismo nasce com a experiência europeia, do anarquismo. Os primeiros jornais operários no Brasil eram feitos pelos anarquistas. A greve de 1917 em S. Paulo, foi dirigida por eles. Eram Sindicatos autônomos, desvinculados do Governo. Eram controlados pelos trabalhadores.

Em 1930, Getúlio Vargas, apoiada pelos setores da nascente burguesia brasileira, fez a CLT, uma série de concessões; mas impõe uma legislação que é cópia fiel da de Mussolini fascista. É a que vigora até hoje. A partir daí, o Sindicato é atrelado ao Ministério do Trabalho. Para existir tem que ter carta sindical do Ministério do Trabalho, que tem também o poder de retirar esta carta.

Instituiu um estatuto padrão igual para todos os Sindicatos. Não é obra do trabalhador. Instituiu o Imposto Sindical. Desconto de um dia de trabalho por ano, que é depositado no Banco do Brasil e o Ministério do Trabalho tem o poder de congelar este dinheiro. É controlado por ele. O fundo de greve é proibido. Se o Ministério não aprovar as contas, há intervenção no Sindicato.

A Federação funda entidades fantasmas. O voto não é por contribuintes, mas sim por entidades. É verticalista, não permite relações entre as diferentes categorias. O Sindicato é um mundo totalmente estranho às bases, é aquela diretoria, é aquele prédio fora do local de trabalho.

A estrutura contribui fundamentalmente para a desorganização e ajuda a manipulação por parte do Governo e das forças políticas.

Tudo isso levou à situação de 1964. O PTB conseguiu colocar o Sindicato a seu serviço e não a serviço dos operários. Por isso, em 64 havia um Sindicato fantasma e foi só trocar os dirigentes. Quando veio o "golpe" não houve resistência. Prenderam e mataram os líderes.

A Classe aprendeu. Frente à nova situação começa a se unir com espírito crítico. O arrocho salarial, a luta contra as intervenções e a substituição do Fundo de Garantia são os três problemas que levam a se unir para a luta. Esta retomada de luta trazia elementos desse novo sindicalismo. Nesse período até 1968, em Osasco e Centagem se avançou mais. Aí surgiu a experiência da Comissão de Fábrica.

A fase negra de 69 a 75 - prisões expulsões, etc. A experiência continuou clandestinamente. Veio à tona a partir de 77. A característica é o surgimento do sindicalismo autêntico. O lula de 77 é diferente do de hoje, pela própria experiência e por pressão das bases.

A nível nacional há a proliferação de oposições sindicais. Hoje a questão é a definição de dois polos. De um lado, os dirigentes sindicais atrasados e a esquerda tradi-

cional, que quer manter esta estrutura porque ela lhes convém. Por outro lado, o polo das oposições sindicais em conjunto com os sindicalistas autênticos, polo representante do novo sindicalismo que se expressa na luta contra a estrutura sindical, pelo Sindicato representado nos locais de trabalho e pela construção de uma Central Sindical, como ígão máximo de um sindicalismo de massa.

Sentiu-se a linha cristã e marxista. Os antigos jocistas, por exemplo, pretendiam cristianizar o patrão. Os outros preconizavam os métodos clássicos dos dogmas de esquerda. Hoje se coloca o problema da estabilidade. Não é só o problema de precisar do emprego, mas é que os patrões utilizam a instabilidade para baixar o salário. A rotatividade da mão de obra achata o salário. Por ex: numa greve, chegou-se a renunciar aos 15% de aumento reivindicados, para garantir a estabilidade de um ano, porque, para o trabalhador, isto é mais vital do que o aumento salarial.

As greves, são movimento elitista? Foi feita pesquisa e viu-se que 30% dos trabalhadores da VW moram numa favela atrás da fábrica, muitos deles, especializados e ganhando bastante. Nas favelas de S. Paulo, vivem os operários. Não existe elitismo. O melhor não quer dizer que seja uma condição digna de vida. A questão é a luta por melhores condições de vida e de salário. Para chegar aí, temos que derrubar a estrutura sindical.

Pensar nisto é tarefa do novo sindicalismo. Os olhos de todos os trabalhadores estão voltados para estes problemas. Os da área rural entraram também neste processo. Uns precisam dos outros. Houve revisão de todos, tanto dos cristãos quanto dos demais, convergindo para o mesmo objetivo, sem deixar de ser o que eram. Os cristãos que entraram nessa, evoluíram e não são considerados como os que "perderam a fé".

SEGUNDO DIA

Questão para trabalho de grupo;

"Tendo em vista a consistência própria do mundo operário que se explicita num movimento histórico com metas e dinâmicas peculiares, em que deve consistir a P. O. ?"

- Qual o seu papel específico?
- Qual o seu conteúdo?

Respostas

Grupo I 1-Papel específico da PO.

- a) fidelidade aos operários:-vir dos operários (escuta)
 -ser dos operários (autonomia)
 -servir aos operários (cristãos).

Operários não como indivíduos mas como Classe com projeto histórico próprio.

- b) fidelidade à pastoral: -obra de toda a Igreja (povo de Deus)
 -como Cristo, evangeliza com preferência os pobres (operários no mundo concreto de hoje)
 -opção pelos pobres (Puebla)

2 - Conteúdo da PO: viver sua vida de cristãos no mundo operário, sendo o Evangelho motivação para seu crescente engajamento e fonte crítica.

Grupo 2

1.- Enquanto operária, deve nascer do dinamismo próprio do movimento histórico do mundo operário a tal ponto de ele se sentir responsável pelo destino da história em vista da libertação.

Enquanto Pastoral Operária, deve ser um serviço corajoso, incarnado, inserido e capaz de fermentar e animar o mundo operário em todas as suas lutas.

Fortalecer as organizações autônomas dos trabalhadores (sem fazer da PO uma estrutura paralela)

Remeter o operário cristão à questão de fé que deve ser aprofundada na luta operária.

Criar o espaço onde se reflete e se celebra a prática cristã.

Assumir a fé como motivo essencial para uma participação efetiva na luta pela libertação, como decorrência da proposta do Evangelho de Jesus Cristo.

2.- Conteúdo: anunciar a nova dimensão do Reino, anunciando Cristo e sua proposta libertadora.

A PO inserida no mundo maior, materializa-se através de instrumentos próprios (sindicalismo e análise científica) do mundo operário na luta pela superação da sociedade de classes no sentido da construção de uma nova ordem social com a libertação de todas as dominações e a superação da própria sociedade de classes. O conteúdo da Pastoral Operária deve ser o mundo do trabalho.

Grupo 3

Dú vidas iniciais: - O que significa mesmo PO?

-- Por que PO? Não seria melhor - Pastoral do Trabalhador ou do Movimento Operário?

1.- Específico: conscientização e organização da Classe Operária em seu sentido mais abrangente para assumir dentro de suas áreas específicas a responsabilidade no processo de transformação da sociedade através de sua participação.

2.- Conteúdo: - Engajamento na realidade (lutas atuais)

- O Evangelho como ponto de partida e constante referência para uma transformação.

- Valorização e respeito às classes trabalhadoras como agentes solidários da transformação.

O QUE FICOU CLARO SOBRE O ESPECÍFICO DA PO?

PO seria um serviço que ajuda a Classe Operária a se organizar e caminhar dentro de sua realidade superando a dualidade, fé-engajamento. Duas são suas fontes de inspiração: o Evangelho e as lutas operárias.

PO, meio pelo qual o operário se torna sujeito na caminhada libertadora de sua classe.

PO - operário se exprime não como realidade sociológica, mas como agente de pastoral.

PO - referência a J C visível na história. Esta visibilidade passa pela mediação da

Igreja como povo dá Deus, comunidade. Este povo de Deus tem ligação com as classes operárias urbanas. A prática concreta de comunidade recebe sua força em JC atuante e presente na História

Outra mediação é a palavra de Deus, a Bíblia lida e vivida depois da vinda de JC. Esta prática é comprovadamente cristã, por causa da referência a JC e à realidade. Na prática se faz dentro do conflito. Vemos que as lutas são justas a partir desta referência a Cristo.

PO - tornar visível a presença de JC na luta operária. Ajudar o cristão a garantir sua identidade evangélica na luta operária. Se constrói na própria realidade operária, portanto é processo flexível. É serviço à luta operária e uma presença da Igreja nesta luta. Este serviço se distingue no agente que não é operário e no operário que é o próprio sujeito da Pastoral. Terá como consequência trazer a vivência da realidade operária nas celebrações dos sacramentos na Igreja.

LUIZ ALBERTO

Temos que superar a idéia do supletivo e do específico pois esta é visão estática. A Igreja foi na sociedade civil, um espaço ocupado literalmente pelo povo. Numa análise dualista, nós diríamos que agora que há Partidos, etc, ela volta ao seu lugar. É porque trazemos escondida a idéia de uma ideologia cristã e de uma solução cristã. É a idéia de que a Igreja tem algo próprio e que vem de fora trazendo solução. Estamos sempre procurando o específico, o diferente dos outros.

Pastoral é a presença da Igreja no meio da Classe Operária. E, que é presença da Igreja? É prestígio? Instituição? Necessidade de sobrevivência? - Não.

Pastoral tem que ser presença de JC hoje no meio operário através de uma instituição que é a Igreja. Uma presença que não substitui as forças populares. A Igreja tem algo a dizer e iluminar o projeto da fé. Aí vem a radicalidade da fé que torna visível a caridade, a fidelidade a JC na História.

A PO não tem que trazer de fora a solução. Não pode ter fórmulas prontas.

.

FACCHINI: A radicalidade nasce de uma visão certa do que é Igreja. Ela começa a existir quando se sente o povo convocado para a luta da libertação. É o que vemos na Bíblia. Permanentemente Deus convoca o povo a superar as dominações existentes.

A PO deve ser esta convocadora da Classe para esta luta. O próprio Cristo se anuncia como libertador: os cegos vêm, os surdos escutam, etc, ... E os sacramentos adquirem dimensão quando são assumidos dentro desta luta de libertação.

CARLOS MESTER: Temos que anunciar todo mundo operário. Na Bíblia vemos em Isaías, o povo dominado. Deus pede ao povo que olhe para o horizonte internacional porque lá, Ele vem chegando.

HOJE, temos que ver onde é que a vida está resistindo às forças opressoras. Descobrir dentro das contradições, que Deus vem chegando. Ler esta história. A Igreja é aquela que se coloca a serviço disso. Leitura dos fatos é ver que neles Deus vem chegando e libertando. Não é uma doutrina, mas fatos da vida explodindo dentro da História. Celebrar isto. Aí fazemos uma nova releitura da Bíblia. Deus se revela dentro da História

- 1 - Viabilizar a regionalização da Pastoral Operária.
- 2 - Fazer um levantamento de pessoas, experiências, situações de Pastoral Operária.
- 3 - Sensibilizar e informar Bispos e padres para problemática operária.
- 4 - Solicitar da CNBB um documento sobre o problema operário (com urgência), como o que foi feito sobre a questão da terra.
- 5 - Possibilitar a formação de militantes engajados, (Conferir: Diretrizes Gerais, página 42, item 78-3)

CONTINUIDADE: Manter a idéia de um novo Encontro em maio. A CNBB e a CPO se encarregarão da programação. Local: Bahia.

////

Grupo 4

O papel da PO.

- Não substituir, deixar caminhar
 - Estar junto
 - Estar por dentro da realidade do mundo operário e seus movimentos
 - Oferecer espaço para a reflexão e a descoberta do problema coletivo contra os mecanismos de atomização usados pela opressão.
 - Da parte do Agente - um serviço
 - Da parte do militante - um apelo à sua identidade cristã.
 - Da parte da Igreja - a presença de um elemento questionador e renovador
- Expressão de uma predestinação da Igreja Latinoamericana.
- Lutar para que a Igreja situar-se no mundo moderno e laboratório de um novo discurso teológico.
 - Mediação provisória para a construção de um mundo novo.

LEVANTAMENTOS DO PLENÁRIO

Que é operário?

- É o trabalhador que é explorado em todas as formas de trabalho
- Denominador comum: relação capital e trabalho. Operário assalariado é quem é explorado pelo capital. As formas concretas variam em função das diversidades da organização e da estrutura econômica.
- Operário e trabalhador. Trabalhador é mais abrangente. Operário mais determinado. (Quem transforma a matéria prima)
- É o homem que é dependente do outro. Depende do salário, tem insegurança.
- Operário, referente sobretudo às dimensões básicas da vida e não só às de questão econômica da produção e conservação do capital.
- Não são os economistas que definem o objeto da PO. É a própria vida. Vale-se sobretudo da espontaneidade do povo em organizar-se e que deve ser respeitada.

CONCLUSÃO: Operário - conceito sociológico a partir da observação da estrutura real.

Operário - conceito pastoral - mais elástico

Critérios orientativos: - o conceito sociológico

- a prática pastoral.

PAINEL: Agostinho Pretto, Carlos Mesters, Luiz Facchini, Eliseu Lopes e Luiz A. Souza.

AGOSTINHO PRETTO: A questão levada aos grupos, indica que a Classe Operária tem o seu projeto, que ela vai andar com ou sem a Igreja. Há um esforço de comunhão. A JOC tem claro o que busca, a ACO também. São movimentos operários e de Igreja.

A PO entra circunstancialmente e se apresenta como serviço novo na Igreja do Brasil. Esta Igreja se dá conta de que precisa retomar aspectos que lhe tocam profundamente. Queremos que ela introduza em sua vida a característica trabalho, no campo e na cidade

Procuramos aprofundar sua missão. PO é um serviço muito amplo mas que não vai permitir que o servir se dilua. É a Classe Operária que faz seus desafios. A PO se faz presente na medida em que os cristãos se engajam no Sindicato, Partido, Comunidades Populares.

Como fazer que uma PO atinja os 20 meninos que se preparam para a primeira tia, filhos de trabalhadores? Como fazer que desde pequeninos descubram a marmita do pai? Como fazer que nos Clubes de Mães para as esposas de trabalhadores, as marmitas signifiquem processo de mudança em sua vida? Como vamos fundamentar a crise na vida do trabalhador na luta sindical? Para ele perseverar tem que se jogar onteúdo, que tenha sentido na sua vida. Como viver o sacramento da unidade se não partimos para vivermos unidos?

O processo de mudança está aí. A sociedade nova já está nascendo
Como fazer que a CHO recupere a dimensão, sentido e teologia do trabalho?

...

PRESENCAS: D. Cláudio, Fossi, Terêncio (SP), Adlar, Gerson, Geraldo Francisco, Humberto, Raimundo José, Cláudio, Agostinho, Sila e Angelina.

1: Iniciou-se a reunião com a leitura de um trecho do Evangelho.

2: Apresentação do resumo das Conclusões do Encontro Nacional de Pastoral Operária realizado em dezembro de 1978:

- . O duplo caráter da Pastoral Operária: operário: deve vir da classe operária, ser feito por ela e, destinar-se a ela.
 - pastoral: serviço à Classe Operária para que ela encontre a presença de Cristo em sua luta pela libertação de todos os tipos de dominação.
- . Diagnóstico da situação da Pastoral Operária no Brasil:
 - Carência de aprofundamento político e teológico, relação engajamento e fé.
 - Consequência: Militância marcada pelo ativismo, sem que as experiências sejam colocadas dentro de um contexto global;
 - . Formação política limitada, gerando perspectivas a curto prazo;
 - . Críticas às estruturas atuais da sociedade, sem contudo perceber quais as características da sociedade nova, que estão a construir com suas ações pessoais;
 - . Constatação de desnível acentuado entre as experiências das diversas regiões, devido ao isolamento;
 - . Profundo engajamento dos militantes na luta de alguns setores da Classe Operária para serem sujeitos de sua caminhada;
 - Consenso geral: necessidade de uma articulação/criação de uma Comissão de Pastoral Operária à nível nacional.
 - Critérios para formação da Comissão Nacional de Pastoral Operária:
 - . Gente que tenha participado na caminhada;
 - . Representativa das diversas regiões;
 - . Disponibilidade e condições para deslocar-se.
 - Característica principal da Comissão: SERVIÇO
 - . Ela deve favorecer uma reflexão conjunta;
 - . Seus integrantes não podem, nem devem ser apenas, leva e traz;
 - . Ser um instrumento de evangelização da Classe Operária;
 - . Evitar que a Comissão seja uma espécie de vanguarda iluminada;
 - . Respeito à autonomia da caminhada operária;
 - . Não se trata de Coordenação do Movimento Operário, este possui sua própria coordenação.
 - Pistas para o Trabalho da Comissão:
 - . Articulação das experiências, permitindo um enriquecimento na diversidade;
 - . Estudo das experiências feitas pela base, tendo em vista que as experiências mudam porque a realidade está em constante mudança;
 - . Reflexão com a base
 - . Escutar e analisar as propostas vindas das organizações do Movimento Operário.

. Informação: :

- . oferecer aos militantes de base, informações rápidas e objetivas dos acontecimentos;
- . subsídios para reflexão, tirados das experiências em curso;
- . boletim ou jornal, que permita fazer circular informações, troca de experiências, etc.

. Formação: Treinamentos visando:

- . análise da conjuntura política e social;
- . estudo das experiências operárias;
- . aprofundamento teológico, fé e engajamento.

3: INFORMAÇÕES SOBRE OS ACONTECIMENTOS DO A.B.C. (SÃO PAULO)

- . Constatação das diferenças entre as greves de 78/79—as primeiras deram-se dentro das fábricas, as segundas deram-se nas fábricas mas, ganharam às ruas;
- Como a IGREJA se situou durante os acontecimentos:
- . a pedido da Pastoral Operária (grupo que assessorou o bispo) no segundo dia da greve, o Bispo da diocese entrou em contato com os dirigentes sindicais, tendo sido solicitado a este que se dirigisse aos operários durante a assembleia. "A Igreja apoia a greve, porque a considera justa e pacífica" falou o Bispo;
- . Sendo solicitado a apoiar a Comissão para angariar fundos para sustentação da greve, o Bispo afirmou que a apoiaria, desde que fossem respeitados os seguintes critérios:
 - que a comissão não fosse da Diocese;
 - que não atrapalhasse, mas ajudasse;
 - que o Sindicato se encarregasse da distribuição.
- . Aceita a proposta, a Diocese abriu as portas das igrejas para receber as doações;
- . Dia 20/terça-feira pela madrugada, o Sindicato pediu a presença do Bispo em frente a Volkswagen porque estava havendo violência. (A Volks possui 38 mil operários). Apresentou-se o bispo ao comandante, lá ficando das 4:30 às 6:30. Em sua conversa com o comandante disse ter ido ali para verificar se realmente estavam sendo cometidas violências contra os operários. Lá estavam também 5 automóveis de parlamentares do MDB. Enquanto o Bispo e os parlamentares lá estiveram não efetuaram prisões, mas a violência e as prisões contra operários se fizeram sentir, logo que estes se retiraram;
- . À tarde deste dia, houve uma assembleia na qual uma operária, esposa de um metalúrgico conclamou os operários a rezarem um Pai Nosso no que foi atendida por todos, sem que soubessem da presença do Bispo, que só depois falou à assembleia durante 3 minutos;
- . Quarta-feira seria deflagrada a greve dos motoristas de ônibus;
- . Pela madrugada de quinta/sexta às 3:30 horas, houve a INTERVENÇÃO— a polícia entrou com cães amestrados, baionetas caladas, escudos, bombas...
- . Cercaram o Sindicato, estádio e a praça onde o operariado se reunia; era uma verdadeira praça de guerra;
- . D. Cláudio telefonou ao Secretário de Segurança a fim de saber o motivo da ocupação, afirmando que havia presenciado violências;
- . O secretário respondeu que havia atendido pedido da Volks;
- . O governador declarou " a greve é ilegal, logo é caso de polícia";
- . Interditados os locais do povo se reunir, 2000.000 metalúrgicos ficaram na rua sem ter onde ir, sem liderança, sem informações. As pessoas se dirigiam então para a casa do Bispo;
- . O movimento passou então a ser imprevisível, sem orientação, sem coordenação.

- . Sexta-feira/23- Os operários reúnem-se na praça da prefeitura municipal (80mil) para assembleia. Operários de um lado, tropa do outro. O prefeito pede ao Bispo que fale ao povo. Quando anunciou que o Bispo falaria, foi interrompido pelo comandante da tropa que falou aos operários dizendo: tenho uma grande notícia, a praça é de vocês, a tropa vai ser retirada - a seguir falou D. Cláudio, pedindo que ficassem calmos, voltassem para casa e que se mantivessem firmes ao lado das suas lideranças (as lideranças não estavam presentes em virtude da intervenção). O prefeito usou da palavra solicitando que os operários voltassem para casa e que no outro dia haveria outra assembleia no mesmo local e hora;
- . Uma equipe reuniu-se em Santo André, na igreja do Bomfim para formar um grupo de Coordenação;
- . Em São Bernardo, a Comissão de Salários assumiu a Coordenação da greve;
- . Em São Bernardo os metalúrgicos ocupam o Sindicato e expulsam os interventores;
- . Sábado - os estudantes fazem uma passeata, a polícia usa a violência;
- . É marcada uma missa para as 10:00 horas do domingo (o bispo não tinha conhecimento) e logo depois uma assembleia;
- . Domingo - às 10:00 horas, contando com a presença dos líderes depostos, o Bispo falou dizendo: "A Igreja não está aqui para dizer o que vocês devem fazer, unam-se aos seus líderes - a seguir, Luís Inácio (Lula) e Marcílio falaram, porque dentro da Igreja qualquer cristão pode falar. O líder Luís Inácio falou aos metalúrgicos reassumindo o comando da greve e, alertando os operários a respeito das infiltrações e contra o "comando da greve" formado por pessoas estranhas à classe, o líder Marcílio também reassumiu a greve;
- . Atendendo chamado de D. Ivo, o bispo viajou para Brasília, onde teria um encontro com o Ministro do Trabalho;
- . Durante a entrevista, D. Cláudio colocou que todas as coisas negativas da greve haviam sido feitas pelo governo, tendo havido apenas de relativamente positivo: liberação da praça aos operários e liberação logo em seguida as prisões; colocou ainda a necessidade de levantar a intervenção e reabrir as negociações;
- . Terça-feira/27- Luís Inácio (Lula) telefonou a D. Cláudio, solicitando que integrasse a equipe de negociações em lugar dos metalúrgicos, mas que não fosse isso publicado enquanto não recebesse sinal verde do palácio;
- . A proposta para D. Cláudio integrar a Comissão foi colocada por Maurício (advogado) para assembleia e aprovada; Palavras do Bispo: "Se vocês não têm voz e precisam da minha, eu o farei";
- . Falando aos operários, Luís Inácio, colocou que "pedi ao D. Cláudio e Maurício que nos representasse nas negociações, e o Governo aceitou";
- . O advogado Maurício falou à assembleia dizendo: "temos que contar com o fato de que a Intervenção existe, que o importante é recuperar o Sindicato e acabar com a intervenção";
- . D. Cláudio conclamou os operários a se manterem unidos às suas lideranças, recuperar o Sindicato e a Diretoria eleita;
- . Pequenos grupos ficaram descontentes, afirmando que Luís Inácio e a CNBB, deram a vitória de bandeja ao governo e, acabaram a greve;
- . Foi feita por D. Cláudio uma nota de esclarecimento que será publicada, lida e distribuída no domingo, 01 de abril.

INFORMAÇÕES DO QUE FOI FEITO A PARTIR DE DEZEMBRO/78:

- . Nordeste - O Encontro de dezembro foi positivo;
- . Encontro Regional com a participação das Pastorais Operárias de Salvador, Recife, João Pessoa, Fortaleza, Terezina, Natal; (24/25 março - custo de 15 mil cruzeiros - autofinanciado);
- . Dificuldade - desconfiança de determinados grupos, que dizem que a Igreja quer ocupar espaço demais;

- prevista para junho um Encontro do qual participará uma pessoa da Pastoral Operária de São Paulo;
- A Região Nordeste está aberta a participar dos próximos encontros Nacionais;
- Minas : D. Arnaldo fez uma visita pastoral a área industrial - está participando também, participou do Encontro Nacional de dezembro/78, está dando apoio;
- O Vale do Aço e Juiz de Fora, ficarem isolados devidos as enchentes, foi impossível fazer com eles algum trabalho;
- As domésticas estão organizando uma associação e entraram em contato com Recife;
- Rio de Janeiro - Articulação da Pastoral das Favelas em 4 regiões do Rio;
 - aproximação de 11 experiências diferentes no Grande Rio;
 - presença de intelectuais na base, gerando conflitos;
 - apoio dos grupos da base a greve dos professores no Rio e em Volta Redonda;
- São Paulo - Domingo, 01/abril, haverá encontro da Comissão Pastoral Operária de São Paulo para uma troca de experiências de ação a nível sindical;
- Encontro Nacional de militantes cristãos engajados na ação sindical, organizado pela JOC e ACO do Brasil, janeiro/79.
- Extremo Sul: Está sendo feito um trabalho de articulação da Pastoral Operária do R.G.S./Sta. Catarina e Jarana;
 - Foi realizado um encontro entre pastorais de três áreas: operária-rural e indígena.
- Grande Vitória: Foi realizada uma pesquisa sobre a realidade operária a fim de ver mais claro quais as prioridades;
 - Há todo um esforço para multiplicar os grupos de pastoral operária e para que estes sejam assumidos e coordenados pelos próprios operários.
- SETOR LEIGOS-LINHA I-CNBB:
 - Está sendo publicada no Comunicado Mensal dos Bispos, o relatório das Reuniões de 77/78, além do histórico da Comissão Pastoral Operária, e das pistas para o trabalho futuro surgidas no Encontro de 8,9,e 10 de dezembro/78. Farão 500 cópias paratas que poderão ser distribuídas nas regiões com o pessoal engajado nas Pastorais Operárias. Caso se sinta a necessidade mais tarde se poderá publicar esses Documentos nos Cadernos Verdes da CNBB - Ed. Paulinas

PLANEJAMENTO:

1: Articulação das Pastorais Operárias:

- Visites às pessoas chaves das cidades e regiões, a fim de ajudar a ver que a Comissão Pastoral Operária, não é preocupação de uma ou outra pessoa; criar laços; dar cobertura ao trabalho de aproximação que se está fazendo na base;
- O Nordeste fez concretamente dois pedidos:
 - que Agostinho vá em visita;
 - que Anísio ou Rossi da Pastoral Operária de São Paulo compareçam a reunião regional de junho/79;
- Essa iniciativa do Nordeste poderia ser feita também noutras regiões;
- Pedir colaboração de alguns bispos para reuniões com sacerdotes e agentes que trabalham na Pastoral Operária - A contribuição de D. Angélica à diocese de Nove Iguaçu, foi determinante para ajudar a avançar a Pastoral Operária dessa diocese

INFORMAÇÃO:

- Para informação pura e simples dos acontecimentos se utilizará a Cronologia feita pelo CEDI;
- Será editado um Boletim que sairá cada dois meses, a fim de marcar presença e lembrar que a Comissão Pastoral Operária existe;

- . Esse Boletim deve revelar através de experiências as análises o duplo caráter da Pastoral Operária: - a classe operária como sujeito da sua própria caminhada;
- a luta contra todo e qualquer tipo de dominação fundamentada no Evangelho;
- . Nisso ficará claro em que a proposta da Pastoral Operária se diferencia de outras propostas;
- . O primeiro Boletim será uma publicação sobre a greve do ABC paulista. Tiragem de 5000 exemplares / Data de saída - 1º de maio / Responsáveis: Adlar e Terêncio.

ESTUDO DAS EXPERIÊNCIAS:

- . Delinear bem as áreas de ação;
- . Promover encontros específicos: fábrica-sindicato-bairro, para que se tenha condições de analisar a fundo as experiências, relacioná-las, aproximar critérios e lançar elementos novos para serem refletidos, tendo como eixo central a Classe Operária e o Evangelho.
- . Próxima reunião da Comissão de Pastoral Operária - 23 junho de 1979.

Rio de Janeiro, 31/03/1979

TRABALHO DA CPO PARA 1980

1. OBJETIVOS:

- 1.1 Mapeamento do que existe de Pastoral Operária no país.
- 1.2 Assegurar uma presença de Igreja no meio operário, procurando atingir o trabalhador e sua família nos diferentes ambientes de vida. Esta presença deve apoiar os trabalhadores em seus esforços de criar e fortalecer suas organizações de classe, para se defender, promover seus interesses e participar de maneira responsável na busca de uma sociedade onde haja igualdade de direitos para todos e uso coletivo dos bens.
- 1.3 Apoiar os trabalhadores na sua luta pela libertação contra todas as / formas de exploração e dominação econômica, social e política.
- 1.4 Ajudá-los a descobrir que o engajamento é o lugar privilegiado para viver sua fé.
- 1.5 Criar as condições necessárias para que os operários cristãos engajados possam aprofundar a sua fé pelo confronto de sua ação com a Palavra de Deus.

2. MÉTODO

- 2.1 Revisão da vida e da ação operária.
- 2.2 Animação política através de uma ~~experiência~~ informação objetiva, da livre discussão e do debate amplo.
- 2.3 Respeito aos diferentes níveis de consciência e engajamento, rejeitando todo e qualquer tipo de monolitismo e manipulação.
- 2.4 O trabalho de base utilizado como meio para que os trabalhadores / possam criar suas próprias estruturas de organização.
- 2.5 Pedagogia política que situa o trabalhador como sujeito e agente da sua própria história e o movimento operário como força dinâmica e fator de mudança da sociedade.

3. INSTRUMENTOS:

3.1 Comissão de Pastoral Operária:

- Nacional
- Regional
- Diocesana
- Local

3.2 Boletim

3.3 Encontros

3.4 Seminários

3.5 Secretaria permanente

3.6 Assessoria Sindical

3.7 Assessoria Teológica

3.8 Assessoria de Estudo

4. PROPOSTA DE TRABALHO

- 4.1 Estimular e multiplicar o trabalho de base numa perspectiva operária: nas fábricas, nos bairros, na família, etc.
- 4.2 Favorecer o entrosamento e a organização dos trabalhadores.
- 4.3 Promover Seminários de formação.
- 4.4 Propor a CPT maior aproximação entre o trabalho urbano e rural.
- 4.5 Informar permanentemente a CNBB sobre a marcha da Pastoral Operária.
- 4.6 Manter contatos e ligações com todos os trabalhos e iniciativas da Pastoral Operária.
- 4.7 Propor que seja introduzido no quadro das atividades da CNBB, ciclos de estudos ligados à problemática operária.
- 4.8 Propor que seja introduzido no quadro das atividades da CNBB, ciclos de estudos teológicos na perspectiva da classe operária.

4.9 Possíveis temas de estudos para a Pastoral Operária:

- O processo de concentração do capital.
- O processo de internacionalização do capital e a expansão das multinacionais.
- Os efeitos do êxodo rural na indústria e nas regiões industriais.
- Efeitos do desemprego e sub-emprego sobre os trabalhadores.
- Desigualdades regionais e desigualdades sociais.
- Desvalorização do trabalho.
- A exploração do trabalho da mulher e do menor
- Os acidentes de trabalho.
- Pis - Pasep - FGTS e Previdência social.
- Burlas da Legislação Trabalhista cometidas pelos patrões.
- Mecanismos usados para esvaíar os esforços de organização dos trabalhadores e marginalizá-los da participação política.
- O movimento pela criação da central sindical: oposições sindicais, direções autênticas, comissões de fábrica, grupos de trabalhadores nas empresas.
- Lutas reivindicativas: campanhas salariais e greves.
- Perspectivas de criação de nova estrutura sindical através de grupos de base nas fábricas, grupos inter-fábricas, reuniões intersindicais, coordenações regionais.
- Educação popular e cultura operária.
- História da classe operária.
- A estrutura econômica social e a política da sociedade.
- Formas comunitárias de luta: mutirão, compras em comum, cooperativas, associações, comissões, clubes, etc.
- Fé e engajamento
- Teologia da Libertação e Teologia do Trabalho.

PROPOSTAS DA PASTORAL OPERÁRIA
PARA AS CEBs.

MOVIMENTO OPERÁRIO
E
IGREJAS NO AS - CEDI
DOCUMENTAÇÃO

1. OBJETIVOS DAS PROPOSTAS :

- * Estimular a comunidade a ouvir os seus membros operários e operários;
- * Estimular os trabalhadores, membros das CEBs a se organizarem.

2. MEIOS :

- Descobrir o "líder" operário na comunidade, quer dizer, a pessoa que tem condição de formar um grupinho, que tem sensibilidade para isso;
- Ficar atento para descobrir os "grupos naturais" que já existem no bairro (botecos, pracinhas, casas de amigos etc...)
 - . fazer contatos ... amizades...
 - . valorizar o que eles discutem sobre a realidade operária
 - . criar condições para formar grupo mais organizado.
- Quando os animadores, os agentes de Pastoral, o padre de uma comunidade estiver com vontade de começar um grupinho, deverá sentar junto com alguém da PO. para aproveitar a experiência dos outros grupos já existentes.
- Nós da PO. sugerimos que se faça na comunidade - um domingo - de cada mês, uma CELEBRAÇÃO preparada, animada pelos próprios operários da comunidade e as esposas e filhos deles. Nesta ocasião, a participação, o apoio do padre ajudará o povo a entender a importância dos grupos de operários
- Nosso boletim "Ferramenta" seja divulgado em todas as CEBs.
- Foi sugerido também a participação da PO, de vez em quando, na missa da TV.

3. OS RECURSOS DISPONÍVEIS PARA AJUDAR SÃO :

- os próprios operários - militantes da PO que se dispõem a acompanhar o lançamento de novos grupos:
Maurício (Campo Grande) - Valdemar (Porto de Santana) - Zé Anesio (São Benedito, Campo Grande) - Zé Izaac (Novo Horizonte) - Durval (Goiabeiras) - Francisco (Vila Bethania) - Zé Lopes (porto Novo)
Antonio (Flexal) - Natalino (Caçaroca - Castelo Branco) - João (Jaburu - Ilha) - Ermelino - Gerson - Napoleão (Rio Marinho - Vila Velha) - Benedito (Boa Vista- Vila Velha) - Jairo (Carapina) - Zé Machado (Santo André) - Lázaro (São Geraldo) - Angelo e Zé Evangelista (Vila Capixaba) - Elza (Vila Izabel) - Floriano (campo Grande)
- O Boletim mensal "Ferramenta" (5 cruzeiros)
- Os "assistentes" : Alfredo (Serra-Carapina) - Gabriel e Marcelo (Carriacica - Viana) - Ângela (Vila Velha - Ilha)

- Os dias de estudo : normalmente cada primeiro domingo do mês. Em 1981, não foi possível organizar todo mês, mas pelo menos 5, 6 vezes. Nestes encontros participam operários da PO e operários que estão começando a participar do Movimento Operário. A assessoria e os temas são escolhidos pelos operários.
- Pode-se encontrar com o pessoal da P.O., os boletins dos sindicatos combativos, sobretudo da Construção Civil e da Oposição sindical dos metalúrgicos .
 - Fizemos recentemente um boletim especial sobre "CONCLAT". Mandamos a todas as CEBs. junto com a "Caminhada" do Mês de Outubro. Uma "Caminhada especial-GREVE" foi feita e enviada a todas as CEBs. da Periferia para substituir a "Caminhada" do 13 de Dezembro ou 20 de Dezembro.
 - De acordo com as necessidades, planejamos encontros de confraternização com as famílias- este ano, fizemos isto muito pouco devido a outros compromissos. Uma casinha está sendo construída, na Praia de Jacaraípe pela J.O.C Espírito-Santo, mas poderá servir para este tipo de encontros.
 - Na SEGUNDA SEXTA FEIRA do Mês , temos a REUNIÃO dos RESPONSÁVEIS. na Pastoral.. as 7 horas da noite. Esta reunião foi decisiva para dinamizar e orientar o trabalho da P.O este ano. Uns 15 operários participam sempre ! Os novos grupos que estão surgindo devem mandar um representante nesta reunião.

Esperamos que estas propostas e informações ajudarão :
Através de uma Pastoral Operária mais forte contribuiremos ao crescimento do Movimento Operário.

Equipe dos RESPONSÁVEIS da PO.

=====

Dezembro 1981

RELATÓRIO

Relatório da Reunião da Comissão de Pastoral Operária.

Local : Casa de Oração de Nova Iguaçu

Data : 23 de junho de 1979

Participantes: do Nordeste, Vitória, Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul, Comissão Pastoral da Terra (CPT), Centro de Orientação Missionária (COM) e os subsecretários da Linha-1 da CNBB.

1: Considerações iniciais buscando situar a C.P.O. como serviço: parte de uma Igreja que busca fazer a opção pelos pobres:

.Vivemos uma realidade nova. A situação política é diferente da aquela dos anos anteriores: há uma aparente abertura. É importante captar as exigências que o momento atual coloca, para saber se situar de maneira correta.

.Com a abertura, os grupos que antes atuavam e se expressavam através da Igreja, começaram a buscar canais próprios de expressão e organização. É necessário encarar este fato politicamente. A Igreja defendeu nos últimos anos, o direito que o povo tem de se organizar, participar e decidir. Seria uma contradição que no momento presente, ela procurasse impedir aquilo que ela defendeu. Os cristãos estão presentes dentro das organizações operárias e populares de maneira crítica e segundo o enfoque do evangelho, o que faz com que estejam atentos para as manipulações.

2: A Pastoral Operária nas diferentes Regiões, suas características e tendências:

Nordeste- Em algumas cidades do Nordeste faz-se um trabalho prioritariamente de Igreja, tipo Comunidades de Base bastante atuante nos bairros; noutras faz-se um trabalho centralizado na luta operária, vinculado com algumas pessoas da Igreja, que ajudam e oferecem espaço. A força deste trabalho está na classe (dissídios coletivos, por exemplo) e, não no aspecto pastoral. Há grande desejo de autonomia e, no momento oportuno se desligará da pastoral.

Realizou-se um encontro regional de 3 dias. Houve tensão entre os grupos, onde predomina o caráter operário e os grupos de bairro, onde há predominância do caráter pastoral.

Há conflito entre a A.C.O. do Recife e o SOME (Setor Operário do Movimento de Evangelização). As razões deste conflito são além das questões, mais, que prejudicam, uma questão de orientação. A ACO, se dirige a cristãos engajados no movimento operário, procura ajudar o engajamento operário numa dimensão de fé. O SOME, procura ser um movimento de classe, independente, busca caminhar na linha da classe e, se libertar da Igreja.

São Paulo—Durante muito tempo, a Pastoral Operária investiu num trabalho de Igreja, a partir dos problemas vividos pelos trabalhadores, refletindo com eles como a classe estava politicamente situada, que valores estavam vivendo. Esse trabalho criou grupos de base, formou pessoas que hoje pesam significativamente no Movimento Operário de São Paulo. Atualmente, estas pessoas estão engajadas nas Oposições Sindicais e nas Comissões de Fábricas, porém, não são os membros mais preparados politicamente. Por outro lado, pessoas com experiências em grupos políticos, fizeram uma auto-crítica e, se dando conta dos erros políticos cometidos começaram a se aproximar dos grupos de Igreja causando, conseqüentemente, o esvaziamento dos mesmos.

Outra deficiência é que os grupos, engajados estão deixando de promover novos grupos.

Desafios à Pastoral Operária: Como criar condições para que os operários cristãos engajados, adquiram uma visão política e teológica mais global, para não se deixarem envolver ingenuamente?

Descobrir novas formas de iniciação a fim de preparar pessoas para se engajarem no Movimento Operário.

Organizar encontros para os militantes mais engajados para um maior conhecimento da conjuntura política e procurar descobrir caminhos.

Santo André—Há um bom grupo de ACO, bastante atuante, com bom conteúdo e boa metodologia.

Havia JOC, mas, foi esvaziada pelo Movimento de Custo de Vida.

A Pastoral Operária da diocese, conta com elementos da JOC e ACO além de outros que não pertencem a estes movimentos.

Questão: Não teria a ACO uma contribuição para dar a Pastoral a partir de seu conteúdo, sua prática e sua metodologia.

Campinas- Surgiram os movimentos de bairro. Os grupos se organizaram a partir dos problemas reais vividos pela comunidade.

Há dificuldades entre os que estão engajados na ação sindical e comissão de fábrica e os que fazem uma ação de bairro. Nos bairros, há muita intervenção dos agentes, devido a isso, a presença da Igreja é mais atuante. Nos sindicatos e nas fábricas os agentes não interferem.

A questão bairro/fábrica necessita ser aprofundada. Na medida em que os militantes se anjam na ação de fábrica e sindical, não encontram tempo para atender às reivindicações dos bairros.

Há tensão mais ou menos explícita entre Pastoral Operária e Comunidades de Base. É necessário refletir sobre essas duas realidades, como se complementam, como poderiam se ajudar.

Rio G. do Sul- No extremo sul não existe movimento de Igreja na área operária com exceção da JOC. Os tipos de ação que se fazem, dá-se nos bairros, e no sindicato. Não existe conflito nestes trabalhos.

Vitória - A Pastoral Operária participa das ações reivindicativas da Comunidade de Base e das ações de fábrica e sindical. Se não houver interligação entre as ações de fábrica e bairro, a Pastoral Operária se fecha.

Grupos de JOC e ACO foram procurados por políticos do MDB, com a proposta de criarem diretórios e dirigirem reuniões, afirmando ser preocupação do partido, tornar-se mais representativo. Os grupos não aceitaram a proposta.

Rio de Janeiro- A grande dificuldade é caminhar passo a passo pedagogicamente, criando condições para que o povo seja sujeito de sua própria libertação. (Ex: Numa reunião

nião da CODEFAM -Comissão de Defesa das Favelas da Maré- estiveram presentes 4 advogados, 4 deputados 4 sacerdotes e 2 religiosas, todos com a preocupação de orientar os membros da CODEFAM no que deviam dizer).

Nova Iguaçu-O bispo decidiu criar a Pastoral Operária para responder as exigências da realidade da diocese. A população da Baixada Fluminense aumenta 150 mil habitantes cada ano. Entre o clero da diocese há membros que não aceitam falar sobre operários. A Pastoral Operária da diocese busca aproximar critérios que orientem a ação dos grupos de base, para que a Igreja esteja inserida com uma presença atuante na realidade operária. Há presença de pessoas bem intencionadas que atrapalham o processo pedagógico da base. "A Igreja me ajudou a descobrir e viver minha vocação de trabalhador. Ela não restringe pelo contrário, alarga os horizontes. Foi ela quem me motivou para o engajamento".

Volta Redonda- Na diocese, a ACO leva a uma ação articuladamente da classe. A ação de bairro atinge biscateiros e outras categorias. Quando o regime estava mais fechado, o pessoal agia naquilo que era possível e, participava na Comunidade de Base, que ele mesmo organizava. Hoje, nem todos têm visão global da dimensão política da ação que eles realizam (por ocasião da campanha salarial). Nas avaliações da ação, faz-se um esforço para não se deixar os militantes entrarem na "festival da abertura". Nossa grande preocupação é dar continuidade ao compromisso transformador.

C.P.T.- Há pessoas afirmando que a Pastoral Operária está estorvando. Será que compreendemos que o engajamento dos cristãos é fruto do amadurecimento da fé, ou a tendência da Pastoral Operária é segurar as pessoas?

JOC - Um grande contingente de jovens, trabalha na produção. A JOC se situa dentro da caminhada da classe operária. Aí, os jovens vão-se organizando. Há um avanço da classe e da JOC. É fundamental no momento, o trabalho

de organização e formação. A organização da JOC não é para si, mas, para classe operária. As Pastorais Operárias surgiram da Igreja como serviço não são movimentos nem organizações operárias. Não existe tensão entre a JOC e a Pastoral Operária.

3: Questionamentos:

- A afirmação de que a medida que os grupos se engajam se distanciam da Igreja, não traz implícito uma visão de Igreja paralela?

- Que tipo de vínculo temos com a Igreja? Um vínculo circunstancial, por necessidade de cobertura ou um vínculo vivencial?

- A Igreja tem uma missão a exercer dentro da sociedade, seja ela em regime autoritário ou democrático.

- O que são os movimentos dentro da Igreja, seja ele JOC, ACO ou Pastoral Operária?

- O que são frente aos trabalhadores? São meios ou são objetivos em si?

- ~~Como~~ viver engajamento e fé sem divórcio?

- Qual o objetivo da CPO? Que serviço deve prestar? Que exigências lhes são colocadas pela situação atual e pelos movimentos e grupos existentes nas bases?

- Quais as tarefas da CPO para responder às exigências da realidade e da ação operária?

- Como superar o ativismo que esvasia e mata a ação?

- Como determinar prioridades para evitar acúmulo de trabalho e reuniões?

4: As idéias apresentadas em resposta as questões levantadas resumiram-se nas seguintes afirmações:

- Até chegar a fazer uma opção pelos pobres e oprimidos, os setores mais comprometidos da Igreja, passaram por mudanças significativas e profundas, na maneira de encarar qual a missão da Igreja dentro da sociedade.

A Igreja buscou assumir nesses últimos anos, um papel profético de denúncia das injustiças e de anúncio das exigências cristãs como, o direito do povo se organizar, participar, decidir.

Esta Igreja que se inseriu e vem participando do processo de libertação do povo, ganhou credibilidade popular. Ela busca com o povo, o Reino de Deus e sua Justiça. Não é uma instituição paralela ahistórica. Ela se esforça para caminhar com seu povo; assumir seus va

lores, suas aspirações, suas lutas. "Considero a Igreja como esse povo de Deus em marcha".

- É preciso destrinçar os níveis e as formas de presença da Igreja na classe operária.

Encontra-se em nós, resquícios da mentalidade de neo-cristandade que devem ser superados. A Igreja está evoluindo e tende cada vez mais a ter movimentos especializados. Sem negar a existência das classes, ela presta serviço dentro de uma visão mais global.

O serviço que a CPO presta, deve ser o mais simples possível, porque os operários têm organizações próprias da classe operária - não é necessário criar organizações paralelas. A classe operária luta pelos seus interesses, dependendo do avanço das condições de luta.

Para ter claro o tipo de serviço que a CPO deve prestar, faz-se necessário detectar: - as exigências que vêm da vida e da realidade operária;

- as exigências decorrentes da resposta que os trabalhadores dão a esta realidade (ação do movimento operário e popular).

- A CPO tem uma tarefa junto à instituição e outra junto aos grupos da Pastoral Operária e movimentos.

Frente à instituição, ajudar à CNBB a ter um posicionamento certo face ao movimento operário e popular, sobretudo frente a acontecimentos importantes como foi a greve do ABC.

A outra tarefa seria ajudar os grupos de Pastoral Operária, aos movimentos JOC e ACO. Oferecer o tipo de apoio que o pessoal necessita e pede.

- A força da CPO está nela não ser um movimento. Ela não dirige, não coordena. Deixa cada grupo e cada movimento ser o que ele é. Respeita a identidade e as características próprias de cada um. Ela se coloca apenas ao serviço da libertação total da classe operária. É preciso ter presente o que a classe operária solicita de nós. Uns necessitam formação, outras pedem aprofundamento do processo de Evangelização, como ser Igreja num mundo em transformação.

É evidente que os questionamentos e a busca de caminhos vão continuar. Foi pedido que estes sejam feitos a partir da prática concreta.

Rio de Janeiro, 23 de junho de 1979.

PRINCÍPIOS E PROPOSTAS DA PASTORAL OPERÁRIA

25

A.P.
D.P.

Esta redação é fruto do trabalho da Coordenação Arquidiocesana de São Paulo da Pastoral Operária realizado em 1986. Destina-se a grupos e coordenações como documento de discussão.

I - Com relação à igreja:

1.1 - A PO é um espaço dos trabalhadores cristãos refletirem como classe os problemas do mundo do trabalho à luz do Evangelho e da prática de Jesus. Quer conscientizá-los, fortalecê-los e levá-los ao engajamento na luta pela transformação da sociedade.

1.2 - A PO incentiva a igreja de São Paulo a se voltar e se comprometer com a realidade operária.

1.2.1 A PO é Pastoral da igreja de São Paulo. Faz parte da Pastoral de Conjunto nas Comunidades, Paróquias, Setores, Regiões e na própria Arquidiocese.

1.2.2 A PO é sobretudo uma Pastoral de trabalhadores. Nela, eles têm voz e vez; crescem na consciência de classe; fortalecem-se para a organização do trabalhador

1.2.3 A PO é um direito de todos os trabalhadores cristãos se unirem e se organizarem. Nós a consideramos a prioridade mais urgente na Igreja; o melhor caminho para tornar realidade a opção pelos pobres.

1.2.4 A PO ajuda os trabalhadores a se entenderem, a se unirem e se organizarem como classe.

1.3 - A PO é uma resposta à realidade operária e às exigências do Evangelho que busca a transformação da sociedade em um mundo sem explorados e exploradores.

1.4 - A Pastoral operária é um espaço para os trabalhadores cristãos celebrarem sua fé, desenvolvendo uma espiritualidade e vida de oração que refletem a vida operária.

II - Com Relação à Participação Sindical e Política:

A. Orientação Geral:

A Pastoral Operária incentiva o trabalhador cristão a se engajar no movimento operário, a partir de sua realidade, da história da classe operária e da história do povo de Deus.

A empresa é o centro de produção e lugar de decisão que define a vida do trabalhador e sua família. Lá se concentra a classe trabalhadora. É tarefa da Pastoral operária tornar o trabalhador um militante em seu local de trabalho e a revisar esta atuação. Este processo de revisão é feito em grupo.

A Pastoral Operária não é um sindicato cristão, nem um movimento cristão paralelo. Diante da estrutura sindical brasileira, a Pastoral Operária apoia sindicatos autênticos, apoia a organização das categorias, das oposições sindicais, das Centrais Sindicais nacionais ou regionais. Apoia as propostas decididas pelo conjunto do movimento sindical.

B. Princípios:

1. Priorizar as formas autônomas de organização dos trabalhadores.

2. Lutar por um processo de ampla participação sindical e político-partidária; não se omitir dele.

3. Lutar por um processo onde as decisões sejam tomadas pela maioria.

4. Lutar para que os núcleos do partido político funcionem.

5. Denunciar e não aceitar os processos de cupulismo.

6. Lutar para que a força da classe trabalhadora se transforme em poder consciente. É necessário buscar propostas viáveis refletidas à Luz do Evangelho.

7. Oferecer meios de avaliar as estruturas políticas, sindicais e eclesiais a partir dos critérios e valores do Evangelho.

8. Assumir a atividade sindical e política como processo de transformação e não de reforma ou conciliação.

9. Respeitar o pluralismo sindical, a partir de um compromisso classista.
10. Lutar pela presença dos movimentos (movimentos populares, associações de bairro etc.) no processo de participação lúico-partidária.
11. Promover a revisão constante da nossa prática: Revisão Vida Operária; Prática-Teoria-Prática.
12. A Pastoral Operária ajuda seus membros a definirem sua militância sindical e política. A opção de engajamento é pessoal.

II - Organização (Processo Interno)

1. Os membros de um grupo de PO participam, muitas vezes, de um grupo de base (CEB, fábrica, associação de moradores etc.) onde começam a crescer na consciência de classe.
2. Ingressam na PO quando participam ou formam um grupo de onde se faz a revisão de vida operária, e se acompanha seu engajamento.
3. Os membros mais antigos já engajados no movimento operário na política participam em reuniões de militantes, assembleias em vários níveis e atividades de formação.
4. As decisões, tomadas em regime democrático, dependem da participação dos membros. As coordenações são escolhidas para representar os membros e grupos de base da PO, além de manter ligação entre os grupos.
5. Os grupos se articulam entre si através de coordenações de rua, Setor, Região e Arquidiocese, as quais criam meios de executar decisões. Há atividades em todos esses níveis, pois a realidade operária abrange a cidade toda. A PO de São Paulo também se articula com a PO de outras dioceses do estado e com a PO nacional através de coordenações eleitas.

IV - Metodologia

1. Metodologia é a maneira de se trabalhar. Na PO parte-se da realidade da vida do trabalhador, e da prática dos membros deste grupo desta realidade. Por isso, destaca-se o método Ver-Julg-Agir adaptado à realidade de cada grupo, e a Revisão de Vida Operária, como ajuda ao trabalhador em sua atuação no local

de trabalho e no movimento operário. Os grupos e a PO esforçam-se assim, para compreender a história da Classe Operária, do Povo de Deus, do sindicalismo, do conflito político e econômico. Assim fazendo, entendemos melhor a realidade de hoje. Prática-Teoria-Prática é um outro jeito de chamar este método.

2. Formação na PO se faz nos grupos de base através da Revisão de Vida Operária. Além disso, outras atividades se realizam nos Setores, Regiões e Arquidiocese. Nelas a PO aprofunda o conhecimento e formação de seus membros em vários campos: a realidade e a história da classe operária, do movimento operário e sindicalismo; do sistema político e econômico; uma visão do Evangelho, da história da igreja e da teologia na ótica do trabalhador; da metodologia de trabalho. Pretende também atingir a realidade afetiva e psicológica, proporcionando espaço para refletir os desafios que a família operária enfrenta e as consequências pessoais do engajamento

3. A PO realiza atividades abertas aos trabalhadores da comunidade e do bairro: religiosa (Missa do Trabalhador) ; cultural (teatro, filmes) ; lazer (passeios, esportes) ; informação (palestras sobre assuntos econômicos, sindicais, políticos do momento)

agenda P.O.

COMPANHEIROS (AS),

Havíamos marcado anteriormente algumas atividades da P.O. Arq.S.P..
Precisamos alterar algumas datas por elas coincidirem com outras atividades importantes que impossibilitariam a participação de muitos companheiros.

Depois de refletirmos sobre as melhores datas, preparamos o seguinte mini calendário, que pedimos aos companheiros para marcarem em suas agendas desde já:

AGOSTO

DIA: 1

ENCONTRO DE REVISÃO DE VIDA OPERÁRIA

DAS 9:00 AS 16:00 HS -

Reunião da coordenação ampliada para Revisão de Vida Operária.

DATA
ESPECIAL

ASSEMBLEIA DA PASTORAL OPERÁRIA

DA ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO

DAS 9:00 AS 16:00 HS -

Esta data é para nós de especial importância .
Vamos concluir o nosso documento: PRINCÍPIOS E PROPOSTAS DA PASTORAL OPERÁRIA . É importante que todos os companheiros estejam presentes.

SETEMBRO

DIA: 27

NOVEMBRO

DIA: 8

ENCONTRO DE MILITANTES

FORMAÇÃO SINDICAL/BÍBLICA/POLÍTICA

DAS 9:00 AS 16.00 HS -

Nesta encontro vamos nos preocupar com nossa formação Sindical/Bíblica e política.

PASTORAL OPERÁRIA DA ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO

PENSANDO A P.O. E A LIBERAÇÃO NO ESTADO DE SÃO PAULO

DE ONDE VIEMOS?

Na história que estamos construindo, olhando a gestação e o nascimento da P.O., vamos nos deparar com um adubo de qualidade preparando e fecundando esta semente, diversas formas de variados grupos que centram sua ação, num trabalho de base muito forte, de Norte a Sul de nosso chão, especialmente no meio operário e rural.

Alguns objetivos iam aos poucos fermentando e se agigantando, tais como, enxergar a realidade, despertar a consciência, denunciar a opressão e a miséria, formar agentes, militantes e lideranças.

Os frutos vão surgindo ameaçando o Dragão, sindicatos combativos na cidade e campo, associações de moradores, movimentos populares, ligas camponesas e etc.

A pastoral popular explode dentro deste contexto, cresce e vai se fortalecendo.

A soma de tanta luta, mobilização e trabalho de base, reavivava cada vez mais o sonho e a esperança da libertação.

Porém houve uma noite onde o Dragão saiu a caça da semente, invadiu casas, fábricas, sindicatos, igrejas, associações, buscando o "zeloso lavrador"; matou, torturou, prendeu, desarticulou muitos lavradores, mais a semente escapou.

Lentamente e com muito sacrifício foi surgindo no meio de tanto espanto, levantando greves, lutas populares por luz, água, asfalto, movimento custo de vida, pela anistia e liberdade de presos políticos e aos poucos tal fogo de munturo, a esperança da libertação vai esquentando de novo.

"É A VIDA QUE QUESTIONA E CONSTRÓI A P.O."

Muito resumidamente isto acontecendo por aqui, não pode ser visto isolado do mundo e esta semente "invade a Igreja", éso ir recordando, Concílio Vaticano 2 (62-65), Medellín (68), Puebla (72)

Nova explosão de pastoral popular vai se dando, vão surgindo e resurgindo, CEB's, CPT, CIMI, A JOC e ACO vão se rearticulando e nasce a P.O.

Tanta coisa acontecendo na vida do povo foi sendo lido e relido, refletido e questionado à luz do evangelho.

Na fala de alguns companheiros se traduzia o que se via neste sabrião - a P.O.

" O objetivo principal era abrir um espaço dentro da igreja para a questão operária. Queríamos que os trabalhadores cristãos parassem para refletir a sua vida à luz do evangelho e que isto desse motivação para o seu engajamento e, conseqüentemente, que ajudássemos a igreja a descobrir o mundo operário e refletisse sobre ele. Queríamos que a igreja se abrisse para o movimento operário e que ela entendesse que o fundamento de toda situação de miséria que estava vivendo o povo e de um afastamento cada vez maior da igreja, do esvaziamento do sentido da fé, que tudo isto estava vinculado a uma questão de exploração (Waldemar Rossi).

"A P.O. é escola onde a gente aprende (ou tenta aprender) a ser fonte, fonte enraizada na combatividade da luta da classe trabalhadora e ao mesmo tempo inserida na vida eclesial+ presença da igreja no mundo do trabalho e presença do mundo do trabalho na igreja. Sensibilizando o conjunto da classe trabalhadora para os valores evangélicos e lutando para fazer o conjunto da igreja sensível a essa opção tão nítida de Jesus: os pequenos, os pobres, os trabalhadores. " (Gilberto de Carvalho).

"FOI POSSÍVEL CONSTRUIR A P.O., A SEMENTE FOI SENDO ENXERTADA, OBJETIVOS E OBJETIVOS SE ENTRELÇAM."

O caminho para a construção e o enxertar da semente foi se dando com a criação de vários grupos de base, que foram se multiplicando e rompendo horizontes, uma injeção de releitura da bíblia a partir da vida dos trabalhadores teve um papel especial, o despertar da consciência e o engajamento na luta dos trabalhadores por fogo na fogueira da esperança de muita gente.

Os anos foram correndo rapidamente, oposições sindicais pipocam aos montes, surge PT, CUT, eleições diretas, tudo fruto de muita luta.

A P.O. contribuiu com tudo isto, o que muitos companheiros chamam de papel suplementar,

Tudo foi tão rápido historicamente que sacudiu objetivos que se entrelaçaram e deixou saldos que questionaram e questionam a P.O.

Uma onda foi se espalhando, P.O. e PT ou CUT é tudo a mesma coisa? Onde estão os militantes da P.O.? Quem continua o trabalho da P.O.? e a P.O. e a Igreja? CUT, PT, P.O. existem qual o papel de cada um?

E surge as prioridades Grupos de base e formação.

Eram as pistas ou o caminho para se enfrentar um quadro que demonstrava a escassez de quadros militantes, formadores e animadores do traba-

ino da P.O. ou de sua continuidade, identificava-se também o enfraquecimento geral do trabalho de base, além de uma virada séria na conjuntura do país.

" DO GOLPE MILITAR AO GOLPE DA MISÉRIA "

A ofensiva do projeto Neo-Liberal, cala fundo a vida dos trabalhadores muito rapidamente, o nosso inimigo muda de cara e também muda de cara os trabalhadores.

"Sem armas na mão", produziu-se 35 milhões de miseráveis, 70 milhões de empobrecidos, 9 milhões de desempregados, 50% dos trabalhadores no mercado informal.

A falta de perspectivas, o desânimo, o descrédito tem sido alguns dos espelhos que nos desafiaram.

Estamos metidos em pelo menos 4 guerras ao mesmo tempo, contra o desemprego, contra a fome, contra a ideologia que mata sem armas, e para re alimentar a esperança.

A situação dos trabalhadores e o descrédito, vem pintando um quadro em andamento; o trabalhador desconfiado e dando as costas as suas organizações e a Igreja, começando a buscar alternativas, dá-se a impressão que alguma coisa arrebenta a qualquer instante, é uma resistência oculta.

" A P.O. DE HOJE SEM A P.O. DE 2000? EXPLODIR PARA A VIDA. É O DESEAFIO".

Não podemos dar as costas a esta realidade, é nela que está nosso futuro. A semente precisa ser adubada com pelo menos:

- Muito trabalho- multiplicar os grupos de base e intensificar o trabalho de base para atingir os trabalhadores.

- Competência- Formação de quadros para coordenar, animar, criar e manter a P.O. e entender o momento que vivemos, formar animadores da vida e operários de trabalho de base.

- Ousadia- Questionar nossa fé, construir a teologia do trabalhador, questionar nossos objetivos e dos outros.

- Resistência- Levanta-te e anda, disse Jesus, estar presente de coração, cabeça e corpo inteiro, é preciso ir pro meio do povo, ouvir, cheirar, perguntar, responder, questionar, construir.

-Definições- para quem e como ser P.O. hoje?, recuperar nossa história e fixar propósitos novos.

"DESAFIOS PARA A P.O. DO ESTADO E PARA OS LIBERADOS"

1) Fortalecer as coordenações e criação de novas coordenações diocesanas.

Esta deve ser a tarefa mais urgente a se fazer, descobrir novos quadros, colaborar na formação e fortalecer o trabalho nas dioceses intensificando o surgimento de animadores e criação de grupos de base.

2) Fortalecer a coordenação estadual - "a música é longa e tem que ser tocada a muitas mãos". Nossa Acol deve chegar e partir ou vice-versa aos grupos de base e as dioceses, formar, motivar e incentivar a coordenação para estar presente e encerrar o trabalho em conjunto e com co-responsabilidades.

3) Diagnosticar a real situação da P.O. nas dioceses. - É preciso se ter um quadro de nossa presença, quantas dioceses? qualidade da presença? grupos de base, coordenações, animadores, agentes.

Onde não estamos presentes, já houve P.O.? porque acabou? quem são contatos?

Onde não estamos, porque não? É importante estar? Como chegar e quem chegar?

4) Priorização Geral - Em qualquer nível de coordenação, liberdade, a priorização deve ser para a constituição e vida da P.O.

5) Recuperar nossa história, colocar na mesma ponte antigos e novos militantes, é preciso enraizar nosso futuro.

Por fim é óbvio que uma nova liberdade ou liberdade, deve estar a serviço dos desafios e metas a identificar, nos obriga a buscar um perfil de competência, paciência, disposição, de compreensão histórica, de capacidade de envolver e motivar pessoal.

Um abraço e até sempre

Tia.

Subsídios para uma política social

A CNBB - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - acaba de propor à Nação Brasileira um estudo "destinado a ajudar à compreensão da crise atual, e a oferecer subsídios para sua superação"

A NNBB afirma no documento: "Não há pretensões de elaborar um projeto social global. Não é nossa intenção dar lições, mas apenas despertar a consciência de todos os homens de boa vontade para algumas das mais graves exigências de uma política social".

Assinado em Brasília 30-08-79

1. Por que os bispos tratam da política econômica?

* porque toda injustiça social tem uma dimensão ética.

* porque toda injustiça tem sua origem numa situação de pecado.

* porque todos nós colaboramos para essa situação das mais variadas formas de egoísmo.

* porque podemos e queremos ser salvos pela graça do Cristo Libertador.

* porque examinando tais problemas, sob o enfoque da justiça aos mais desvalidos, os Bispos têm certeza de não estarem tratando de assuntos apenas materiais.

* porque os Bispos têm certeza de não estarem abdicando de sua missão essencialmente evangelizadora e pastoral.

* porque não se tratarem desses problemas que afligem o nosso povo, o exercício de outros aspectos de sua missão careceria de credibilidade.

* porque se não tratarem desses assuntos, mereceriam a condenação bíblica de falsos pastores, conforme Ezequiel 34,5 ss.

* porque isso é concretizar para o Brasil o grave compromisso que, com o episcopado latino-americano, assumiram em Puebla para com os pobres, a exemplo de Cristo.



Se não ficarmos com o povo, seremos taxados de "falsos pastores"



O patrão ganha 300 salários mínimos. E nós sobrevivemos com um!

2. Quais são as principais falhas da política econômica brasileira?

* fala-se em reforma partidária com cálculos de patrimônios eleitorais, sem que apareçam definições claras de programas consistentes.

* tenta-se preservar a todo custo a política econômica contra as pressões que vêm sofrendo das bases insatisfeitas.

* uma política que estimulou a concentração social da renda nas mãos da minoria.

* o escândalo de salários altíssimos de uns poucos: 100, 200, 300 e mais salários mínimos, como afronta aos pobres que são maioria.

* uma política que privilegiou o consumo privatista, permitindo a proximidade de carências fundamentais para a maioria e o consumo sofisticado para a minoria que controla o sistema.

* a sociedade brasileira ainda é escravagista: centrada na satisfação dos interesses dos "senhores". Os "servos" que produzem nunca são beneficiados.

* uma política econômica que oferece vantagens aos investimentos estrangeiros, especialmente às empresas transnacionais.

* esta política privilegiou o capital financeiro em relação ao investimento diretamente produtivo. Incentivou investimentos faraônicos e osten-

O Povo Brasileiro se divide em 4 categorias

tatórios. Favoreceu a União em prejuízo dos Estados e Municípios.

* uma política econômica que se preocupou com o combate da inflação, mas se inspirou em teses questionáveis.

3. O aumento dos salários é mesmo causa da inflação?

* silenciam-se os gastos do capital que não se dirigem necessariamente à reversão, mas que são absorvidos no consumo privatista, nos ilimitados gastos com o supérfluo, na consolidação do patrimônio particular, esquecendo-se de que sobre ele "pesa uma hipoteca social" (João Paulo II).

* todos esses lucros são também responsáveis pela inflação.

* o ônus mais pesado de reduzir a inflação recai sobre a maioria mais sacrificada.

* o tal "aumentar o bolo para depois dividi-lo", não engana mais o povo.

* esqueceu-se da importância das unidades produtivas médias de organização comunitária.

* esqueceu-se da utilização de tecnologias relativamente simples, capazes de estimular a criatividade dos pequenos produtores.



Quem é mesmo responsável pela inflação?

4. Política de paliativos — sem atingir as causas — resolve?

* uma política que funciona sobre estruturas sociais injustas e que para continuar a funcionar procura manter estas estruturas.

* as autoridades responsáveis em vez de

se anteciparem às reivindicações, a partir de uma revisão da própria política, vão capitulando ante às exigências dos setores sociais mais consciente, mais explorados ou mais organizados.

* há uma aparente paz social ao preço de concessões cada vez mais contraditórias.

* a política está sendo corrigida à base de conflitos, na medida em que outros meios de correção não foram tolerados ou se revelaram incapazes.

* note-se que o custo social dos conflitos será inevitável enquanto não se enfrentar o custo social ainda maior da concentração da riqueza.

* e os milhões daqueles que não têm condições de se organizarem em grupo de pressão?

* as correções feitas exclusivamente como respostas a pressões neutralizam os esforços tendentes à implementação de certas prioridades nacionais, como: superação das carências básicas da população (alimentação, habitação, saúde, educação, segurança), superação da crise energética e criação de empregos para a população com altas taxas de crescimento e urbanização.

* não é mais possível atenuar efeitos sem atingir as causas. Nem esperar os conflitos para outorgar concessões.

5. Quais são as 4 grandes categorias de brasileiros?

* **Os marginalizados:** os que vivem à margem, produzindo o que consomem e consumindo o que produzem: a massa silenciosa impedida de se organizar para afirmar seus direitos; imensos recursos humanos que nunca serão potenciados para o desafio do desenvolvimento.

* **os desempregados:** ou vieram da marginalização através de movimentos migratórios; ou tendo chegado à idade produtiva balem as portas do mercado de trabalho sem conseguir entrar; potencial humano desassistido, num País onde não existe seguro-desemprego. Potencial em crescimento.

* **os mal empregados:** frutos do clientelismo político e das formas mais ou menos acintosas de empreguismo e favoritismo administrativo.

* **os subempregados:** os que não encontram emprego de tempo total; os que são fraudados até no salário mínimo; mão de obra feminina e infantil explorada; categoria que produz pouco porque é subalimentada, torturada por transportes massacrantes, mora em condições precárias, vive acuada pelo medo da violência e morre corroída de doenças.

- 1ª **MARGINALIZADO**
- 2ª **DESEMPREGADO**
- 3ª **MAL-EMPREGADO**
- 4ª **SUB-EMPREGADO**

A POLITICA deve pensar no HOMEM

6. O que se espera de uma nova política?

- * que seja pensada em função do homem.
- * que crie condições reais para a valorização desse homem.
- * que elimine a injustiça estrutural que nos levou à situação da qual todos sofremos.
- * que se tome um pequeno número de decisões capazes de criar novas condições concretas sobre as quais será possível falar de reformas maiores.
- * que se tome medidas, mesmo que não representem uma transformação radical, imediata e realisticamente inviável, libertam dinamismo para se atingir os objetivos.
- * que na revisão semestral dos salários nominais se incluam os vencimentos dos funcionários públicos.



Uma nova política deve ser pensada em função do homem e não do lucro

7. O que significa aumentar os salários apenas pelos índices do custo de vida?

- * significa mantê-los permanentemente no mesmo nível, sem nunca poder emergir.
- * significa dar meios ao operariado para poder sobreviver e reproduzir-se em uma prole marcada por carências de efeitos irreparáveis.
- * significa manter um mercado de mão-de-obra barata, prevenindo quedas sensíveis na demanda global que afetam o bom funcionamento do sistema.
- * significa a outorga de um benefício e não o atendimento de uma exigência de justiça.
- * significa se questionar se com isso o povo ainda se ilude com a tal "poupança" que evita a descapitalização das empresas e lhes permite distribuir maiores dividendos.



Esta ilusão de poupança não engana mais o povo

8. Você sabia?

- * que com o salário mínimo atual não se pode adquirir mais de 70% do que se adquiria com o salário mínimo de 1964?
- * que o ilusório milagre brasileiro foi pago em grande parte pela erosão dos salários do pobre, pelo arrocho salarial por ele sofrido durante tantos anos?
- * que a proteção dos salários reais depende basicamente da estabilidade dos preços ao consumo básico das classes desfavorecidas?
- * que garantir a estabilidade dos preços dos alimentos essenciais, equivaleria a uma importante contribuição para a defesa dos salários reais?
- * que em alguns países um pequeno número de alimentos básicos têm seus preços rigorosamente congelados, inalteráveis, por todos os meios?
- * que isto se consegue através de uma pesada tributação do consumo conspicuo, pelo salário e uma justa política de crédito ao pequeno lavrador que produz para o consumo interno e não para a grande exportação, pelo controle rigoroso dos preços dos insumos para a produção agrícola e por um combate aos atravessadores.

Fabellas

X
alta
suntuo-
sidade



Ricos cada vez mais ricos
às custas de pobres
cada vez mais pobres

9. O que é necessário para uma verdadeira "economia de guerra"?

- * é necessário modificar as regras do jogo, de maneira que o que dará lucro será produzir abundantes e baratos alimentos populares, tecidos populares, casas populares, remédios de primeira necessidade.
- * é necessário coragem e criatividade para enfrentar os problemas do campo e do ritmo de urbanização, estreitamente relacionados.
- * é necessário que o volume total do que é gasto no consumo privado não seja incomparavelmente maior do que aquilo que é investido nos serviços públicos.



Integrar o favelado na vida urbana com todos os direitos dos demais

10. Favela é problema infinito?

- * falta por vezes a coragem para enfrentar esse desafio, porque se supõe tratar-se de um problema infinito.
- * o homem do campo, expulso de sua terra, fica facilmente atraído pela vida da cidade. Mas não encontra os metros de chão para colocar sua casa. Cada metro está na mira dos especuladores que obrigam os pobres a serem nômades, mesmo dentro do perímetro urbano.
- * a verdade é que o problema não é infinito. Ele terminará quando, regulado o estatuto do uso e da posse do solo urbano e criadas as condições mínimas de urbanização das favelas, criem-se também as condições mínimas de urbanizar o favelado.
- * urbanizar o favelado significa: permitir que ele viva integrado na vida urbana, como os demais, em condições de vida que lhe permitam pagar os impostos e taxas urbanas que lhe dão o direito de exigir, como todos, os serviços garantidos à população.
- * isto supõe obviamente que se aceite situar o problema na sua perspectiva global, que se aceite as injustas estruturas sociais que o geram.

11. Qual o melhor corretivo para o êxodo rural?

- * criar condições para regular o ritmo de urbanização.
- * promover e incentivar as pequenas e médias agro-indústrias, nas próprias regiões produtoras, valorizando-se a mão-de-obra local.
- * fazer uma séria revisão da política da terra e da estrutura fundiária.
- * dar condições jurídicas e financeiras para a produção de alimentos de base por parte dos pequenos agricultores, proprietários ou não.
- * evitar assim a proletarianização da mão-de-obra rural e a exploração da mão-de-obra dos boias-frias, das mulheres e dos menores.
- * incentivar a produção para o consumo interno e não só para exportação.

12. O povo vive de teorias?

- * não. O povo não vive de teorias: o povo vive e morre de realidades.
- * o povo não entende explicações técnicas; ele entende apenas os fatos concretos: como encontrar cada semana mais caros os preços da venda, da feira, da farmácia, dos transportes.
- * deve-se criar mecanismos atuantes de participação das bases, inclusive dos analfabetos, através de uma autêntica liberdade e autonomia sindical.
- * o povo deve assumir o seu papel no processo de democratização.
- * só um povo que participa, aceita com dignidade os sacrifícios dele exigidos numa conjuntura difícil.
- * é preciso acabar com a injustiça da minoria impondo as regras do serviço da maioria, sem sua participação.
- * é preciso acabar com a injustiça do serviço da maioria para enriquecer a minoria e não haver equidade na distribuição do rateio final.



Reunião da Comissão de Pastoral Operária

Data: 8 e 9 de março de 1980

Local: Casa de Oração - Nova Iguaçu

1 - Introdução. Foi feita por D. Cláudio tomando como pontos a caminhada do Movimento Operário, a Pastoral Operária como forma concreta de opção pelos pobres, o papel e o compromisso da Igreja perante a classe operária.

2 - Relatório da última reunião (9/12) e revisão dos trabalhos:

Secretariado: foi expedida uma circular e também o Boletim. Instalação da sede em Volta Redonda. Relatório do Seminário sobre Fé e Política. Correspondência. Movimento de assinaturas.

Pesquisa: O questionário para encaminhar a pesquisa não foi feito. Critério para o questionário: conhecimento do que existe, com a preocupação de que seja Pastoral Operária e não qualquer trabalho com pobres; perguntas simples; levar em conta também os objetivos da CPO que é "prestar serviço". Foi constituída uma equipe: D. José, Angelina e Waldemar.

Ampliação da Comissão: Nordeste e Porto Alegre ainda estão encontrando pessoas que possam participar.

Assessoria teológica: Eliseu Lopes; assessoria política: Cláudio e Luís Alberto.

Reunião dos Subsecretários: a data foi mudada para: 8 de abril à noite a 11 de abril à noite. Local: Moquetá- Nova Iguaçu. Comissão para preparar a reunião: Vergílio, Anísio, Agostinho e Antonino.

Boletim- Comissão: Angelina, Adelar, Cláudio e Olívia.

Sugestões: relatar as várias experiências dos diferentes lugares. Memória da classe operária. Intercâmbio com outros boletins. Entrar em contato com outros centros de documentação. Ter uma seção apresentando outro tipo de luta, como a dos trabalhadores rurais por exemplo. Em cada cidade ter um representante para distribuir e mandar as notícias.

Aprofundamento de questões:

1- A luta sindical e a luta partidária.

2- Que serviços a Pastoral Operária pode oferecer à classe operária para superar as divisões impostas pela lei.

Plenário:

1 - O Sindicato é o órgão de massa e representa o conjunto dos trabalhadores e deve ser independente em relação ao Estado e autônomo em relação aos partidos. Na luta sindical se percebe o esforço de muitos em manter os sindicatos independentes dos partidos. Dentro desse esforço há tendências ideológicas que prejudicam. A massa dos trabalhadores não é politizada ou esclarecida sobre a política sindical e os aspectos políticos. Por isso, a reflexão sobre o assunto é importante como forma da classe operária se organizar mesmo em termos partidários. Não é seguro afirmar que o engajamento dos trabalhadores em partidos possa vir a atrapalhar a luta sindical. Reforçar a organização sindical nas empresas, esclarecendo a questão das alianças com os grupos pelegos, governo, grupos partidários quando não apresentam uma proposta que vem responder aos anseios da classe. Neste ponto se coloca a importância da Pastoral Operária nas bases. É importante que a discussão não seja em torno de um único partido, mas sobre o que a classe quer, qual é o papel do partido, como a sociedade deve ser e perceber o jogo de forças que existe dentro dela..

2 - Foram feitas as constatações das divisões. Depois se procurou ver as saídas da situação.

Constatações: a estrutura sindical cria essas divisões. A lei proíbe que uma categoria ajude a luta da outra categoria. Divide também por território.

Com os trabalhadores rurais é diferente, porque não tem categorias, mas como o Sindicato é assistencialista, o pessoal entra para receber benefícios e não para lutar.

O peão por sua condição, não tem fé na organização, a rotatividade de dificulta a organização. A Pastoral pode sofrer a mesma tentação de dividir por categoria os seus grupos. A Pastoral Operária não deve se organizar por categoria. A estrutura sindical individualizou a luta.

Tentativa de superação:

- Levantar um debate amplo sobre a estrutura sindical e unidade sindical.
- O Boletim pode ser um instrumento para alertar para isso. Não deve destacar só a ação dos metalúrgicos.
- A Pastoral Operária deve criar espaço para favorecer às diversas categorias a se organizarem e se unirem.
- Na reflexão de fé, o tipo de presença de cristãos de uma categoria a outras categorias não seja só esporádica mas organizada.
- A Pastoral Operária atinge todos os aspectos da vida, como família, bairro e pessoas que não estão definidas como categoria.
- Criar a mentalidade de desobediência legal, quando a lei prejudica a todos.
- A Pastoral deve superar as divisões de credo, favorecer o ecumenismo.
- Ter presente o aspecto ~~de~~ dentro da luta, superando a reivindicação só por salários.

Síntese

A luta sindical coloca para os grupos de base a necessidade de refletir:

- a estrutura sindical, o novo sindicalismo (grupos de empresa, central sindical) sindicalismo mundial, a história do sindicalismo, pacto social e política salarial.
- Que a Pastoral Operária possibilite a solidariedade entre as diversas categorias de trabalhadores de maneira contínua e permanente, possibilitando a formação da consciência de classe.

Meios: Boletim da CPO; encontros a todos os níveis.

Os trabalhos de base e os Partidos:

Nos diferentes grupos de base, favorecer a reflexão:

- sobre a estrutura da sociedade, desde a base econômica até a superestrutura político ideológica permitindo a formação de uma análise política (prática política, o exercício do poder, tipo de sociedade que se quer construir, a democracia de base). Nos debates sobre os atuais partidos não se apegar aos seus programas, mas ver suas relações com os movimentos sociais, sua composição política e suas contradições. Estudar a história dos partidos no Brasil.

- qual o papel do Partido, do Sindicato, dos grupos de empresa, da associação de bairro, das comunidades de base, das Pastorais, etc. no processo da transformação social.

Ficaram assim formuladas as perguntas para o questionário:

1. Na sua área existem núcleos da Pastoral Operária;
Onde se localizam? (cidade, bairro, paróquia)
2. Qual o campo de ação (fábrica, sindicato, bairro, associações, outras) e o tipo de atividades que realizam como PO?
3. Tem Boletim próprio?
4. Tem interesse em comunicar-se com a CPO?
5. Endereço para onde mandar a correspondência.

Calendário para os próximos meses:	20.21.22/06 - PO - Nova Iguaçu
24 e 25/04 - Reunião da CPT Sul	19.20.21/04 - PO - Paraná
19.20.21/04 - Conselho Nacional ACO	Novembro 80 - Curso Teológico - Bíblico
19 a 29/07 - Conselho Nacional JOC	trabalhadores engajados e agentes na
16 a 18/05 - Fortaleza	área operária.
19/03 - Prep. Assemb. Vale do Aço	

SUGSTÕES DE ROTEIRO PARA REUNIÕES DE BAIRROS OU SETORES DAS CIDADES, A SEREM REALIZADAS ANTES DO 1º DE MAIO.

-1- O porquê destas reuniões.

A coordenação da Pastoral Operária do ABC se reuniu nesta Semana Santa com os propósitos seguintes:

1- Fazer um balanço de sua atuação como conjunto, e da atuação de seus membros, durante a greve metalúrgica de Março.

2- Ver qual deve ser nossa atitude atual como continuidade daquela atuação.

= 3- Preparar a celebração do 1º de maio, que cai dentro dos 45 dias de espera do acordo dos metalúrgicos.

Conclusão dessa reunião:

Propor às equipes de base de nossa Pastoral, aos operários das paróquias, dos bairros, dos Movimentos operários de Igreja, como também às comunidades eclesiais de base da periferia, fazerem reuniões nos bairros para discutir também esses pontos.

Daí saiu esta proposta de um roteiro, como sugestões para realizar essas reuniões.

-2- Primeiro ponto proposto : AVALIAÇÃO DE NOSSAS ATITUDES DURANTE A GREVE METALÚRGICA.

Podem ser colocadas as seguintes perguntas, ou algumas delas:

a) Porquê saiu a greve?

b) O QUE FOI FEITO PELA COMUNIDADE (OU PELAS EQUIPES PRESENTES, SE TIVER VARIAS) DURANTE A GREVE?

Nota - Se o número de pessoas for reduzido, seria bom perguntar a cada um o que ele fez.

c) O que o pessoal achou da atuação da polícia, do governo e dos patrões durante a greve?

d) O que o pessoal achou da atuação do Sindicato?

e) Como foi a organização das greves? Papel da Diretoria, assembleias, comissão de salários, organização dentro da fábrica.

- f) O que o pessoal achou da ação dos piquetes?
- g) Como foi organizado o Fundo de greve?
O coordenador pode dar mais informações (que estão em outra folha) e salientar a importância desse fundo para a vitória da greve.
- h) O que o pessoal achou da atuação da Igreja durante a greve?
Do Bispo, da Pastoral Operária, das comunidades paroquiais ou outras, dos padres?
- i) E os fura-greves: o que o pessoal pensou deles? Qual a melhor atitude para com eles?
- j) O que o pessoal achou das notícias e avisos dados pelo rádio, jornal e TV, principalmente depois da intervenção nos sindicatos?
- k) O que o pessoal achou da volta ao trabalho e do acordo provisório? (Os termos do acordo estão no anexo)
- l) Como foi a atitude dos patrões depois da volta ao trabalho?

-3- Segundo ponto proposto: O QUE DEVE SER FEITO ATÉ O DIA 10 DE MAIO ?

- a) Como informar o pessoal do bairro sobre a marcha das negociações? - Sugestões:
- Fazer jornais-murais no local de encontro, ou em bares próximos mais frequentados.
 - Utilizar recortes de jornais.
 - Fazer cartazes, faixas, etc.
 - Obter informações com as Diretorias cassadas e com as Comissões de salários.
- b) Participar das reuniões por fábrica e das Assembleias gerais que estão se realizando nas igrejas.
Fazer outras reuniões e assembleias que ajudem a organização nos bairros. Por exemplo, dar continuidade a esta reunião.
- c) Porquê as palavras de ordem de não fazer horas-extra, e fazer operação-tartaruga?
- Nota: As nossas horas-extra e o nosso trabalho intensivo só vai ajudar os patrões a formar estoques, e com isso se fortalecer para enfrentar uma possível parada nossa.

Introdução:

Iniciando o Encontro, Pe. Raimundo José fez a introdução procurando situar os presentes dentro do objetivo do Seminário: O estudo do tema "Fé e Política", reunindo cristãos militantes operários, líderes operários, bispos interessados no assunto pretende aprofundar numa linha de reflexão o assunto, descobrir e analisar os problemas com que se defrontam no atual momento histórico. Será feita a reflexão a partir da experiência de cada um, de como está reagindo na situação vivida e como a fé está aí situada.

Método de trabalho: 1º dia - 1ª parte: Relato pelos participantes da significação do Movimento Operário nas diversas regiões do país. 2ª parte: Em grupos procurar a interpretação política da realidade e ver como a Igreja atuou na prática.

Movimento Operário em São Paulo:

Depois das experiências do operariado a partir de 78, deveria se esperar uma grande movimentação da classe operária em São Paulo, entre os meses de setembro e dezembro. Nada menos que 32 categorias profissionais têm seus dissídios nessa época.

Entre os metalúrgicos, através da Oposição, alguns passos foram dados no sentido de unificar essas lutas.

Houve contatos com algumas categorias e a proposta foi lançada em assembléia, logo encampada pela Diretoria.

Numa rápida articulação, os 32 Sindicatos (diretorias) se reuniram e propuseram uma unificação das reivindicações para todas as categorias. Era um passo importante na caminhada da Unidade Sindical. E juntos decidiram reivindicar um reajuste de 50 sobre os salários de maio (que incluía as antecipações) um reajuste mínimo de Cr\$ 3.000,00 e um piso de... Cr\$ 6.140,00. Durante essas reuniões foi defendida pela Oposição, a proposta de se fazer uma consulta às bases de cada categoria para se saber da opinião dos trabalhadores, para mobilizá-los e levar o conjunto a assumir o processo da luta.

Acontece que as diretorias não consultaram suas bases. Decidiram de cima para baixo. Nas assembléias, os Metalúrgicos não acataram a proposta e aprovaram um outra de 83 sobre os salários da época, o piso de... Cr\$ 7.200,00. Esses índices foram o resultado das pesquisas feitas nas fábricas pela Oposição Metalúrgica, onde a média se aproximava deste índice. Os 83% forma uma unificação com os metalúrgicos do Rio de Janeiro e os bancários do Rio Grande do Sul.

Houve grande movimentação entre os metalúrgicos de São Paulo e de Guarulhos. A formação da Comissão de Mobilização e dos cinco Comandos regionais, permitiu que, mais de 300 operários assumissem a luta, realizando centenas de reuniões de fábricas e interfábricas, que tiveram grande participação e que com as assembléias regionais chegaram a ter mais de 1000 operários.

Apesar dessa intensa mobilização e muito boa participação nas áreas de concentração fabril, as assembléias gerais não tiveram participação tão grande quanto as de 78. Acontece que a categoria metalúrgica mostrou de início, sua total descrença na Diretoria do Sindicato. Embora começasse a acreditar nos Comandos, não compareceu da mesma forma às assembléias gerais.

Se entre os metalúrgicos houve mobilização chegando a uma greve, que durou 11 dias em São Paulo e Guarulhos, o mesmo não se deu com os metalúrgicos de Osasco e as demais categorias, exceção feita a algumas, como a dos gráficos, que ameaçaram uma greve. As demais, se limitaram à convocação de algumas assembléias e partiram para acordos diretos, entre

diretorias dos Sindicatos e dos patrões. Uma outra ressalva para este ano de 79 foram as greves dos Bancários, motoristas, uma verdadeira surpresa, e a dos funcionários e dos professores, em épocas diferentes.

As demais categorias não lutaram, em parte porque suas diretorias são pelegas. Essas diretorias nunca fizeram nada para esclarecer, unir e mobilizar os trabalhadores; em parte porque os trabalhadores mais combativos procuram geralmente as Indústrias Metalúrgicas e ainda porque os trabalhos de base populares não atingiram suficientemente os trabalhadores dessas categorias.

Algumas categorias profissionais têm suas diretorias compostas de elementos de tendência política "reformista". Como a proposta dessas correntes é impedir qualquer ação que venha atrapalhar a "democratização" de Figueredo, eles se uniram aos pelegos, lutando contra a confrontação direta entre operários e patrões. Isto se deu inclusive entre os metalúrgicos onde a "reforma" fez de tudo para desmoralizar a categoria e impedir a greve.

A vitória econômica foi apenas parcial. O piso de Cr\$ 4.200,00 é considerado muito baixo. A perda dos dias parados e o desconto de uma só vez são consideradas derrotas econômicas. Os patrões e o governo jogaram muito bem com esses dados. Porém houve vitórias significativas:

- O trabalho dos Comandos levou a categoria a acreditar novamente na sua força; - A direção da luta assumida pelos trabalhadores nos Comandos, o que alijou os pelegos da direção e neutralizou a ação dos adesistas; - A votação pública de todas as propostas; - O grande número de trabalhadores que aderiu à luta depois da greve; - A grande maioria voltou ao trabalho sem o clima de derrota da vez anterior; - Inúmeros grupos de fábrica estão se formando agora, como resultado direto da luta; - Muitas divergências entre grupos de oposição foram superadas na prática; - Foi o primeiro encontro dos trabalhadores contra a nova roupa do arrocho salarial que, entre outros males vai tentar enfraquecer a luta dos trabalhadores prometendo fórmulas mágicas de aumento, vai decidir a renda dos trabalhadores, tirando dos que ganham um pouco mais, em aparente favor dos que ganham menos, através do escalonamento, mas não vai mexer nos gordos lucros dos empresários. Buscarão motivos para justificar a repressão sobre o movimento operário; - ficou claro mais que nunca que patrões, governo, repressão e pelegos estão firmes na luta contra os trabalhadores e que contaram ainda - o que não tinha acontecido em outras greves - com toda a grande imprensa, que sempre desvirtuou os fatos e boicotou as principais notícias favoráveis aos trabalhadores; - As direções sindicais salvo exceções, não apoiaram a greve, existindo mesmo aqueles que se colocaram contra e isto mesmo entre os autênticos. E por que fizeram isso? Porque querem destruir a luta independente da classe operária. Querem controlá-la.

Os Cristãos na luta dos metalúrgicos:

A Pastoral Operária em São Paulo e Guarulhos teve um papel importante nessa luta. Primeiro porque seus militantes estiveram presentes o tempo todo, seja nas fábricas, nos comandos, assembleias ou piquetes; segundo, porque os agentes de pastoral deram apoio total aos trabalhadores com sua presença, com trabalho de infra estrutura, apoiando os piquetes com condução na feitura e transporte de material, com alimentação, na Campanha de solidariedade, e ajudando na análise do desenvolvimento da Campanha. Durante e ao final da greve, a Pastoral Operária elaborou boletins de esclarecimento e informação que foram distribuídos nas paróquias e comunidades. Muitos grupos de Pastoral começam a se formar a partir da greve.

A Diocese teve um papel muito importante. Colocou suas salas e igrejas à disposição dos metalúrgicos, durante todo o processo de luta. Denunciou publicamente e de forma veemente a repressão sobre os trabalhadores, defendendo o direito que ele tem de lutar pacificamente. Na morte do companheiro Santo, assumiu um protesto público, convocando a caminhada pela cidade, e a celebração de missa de corpo presente na Catedral da Sé. A Comissão Justiça e Paz esteve presente em todos os momentos em que se fez necessário. Um grande número de militantes da Igreja teve um

crescimento enorme na luta, quando sentiram na prática as contradições existentes entre poder econômico e classe operária. Descobriram que a luta de classe existe e que os verdadeiros responsáveis são os poderosos e não os trabalhadores. Descobriram ainda que os trabalhadores têm uma grande reserva de valores que se desenvolvem durante o processo de luta; e que podem se tornar os verdadeiros agentes de sua própria libertação.

Osasco:

Com a campanha para eleições no Sindicato dos Metalúrgicos, e a participação da chapa de oposição, houve um crescimento muito grande da oposição sindical metalúrgica, que ficou muito conhecida nas bases, permitindo o surgimento de novas lideranças.

A chapa da oposição conseguiu uma votação expressiva: 3.300 votos com base numa campanha de liberdade sindical, comissão de fábrica e delegado sindical, além das costumeiras reivindicações de caráter salarial.

Nas greves de maio e de junho de 1978, a oposição sindical teve uma atuação destacada, conseguindo a paralização de grandes fábricas, a partir de trabalho feito internamente com os trabalhadores, e, também, nos bairros. Por causa dessa atuação, todos os companheiros da oposição foram demitidos e não conseguem mais emprego em Osasco.

Essa situação é uma repetição do que ocorreu em 1968, depois da greve de Osasco, e o que está acontecendo em todas as partes onde surgem lideranças autênticas, identificadas com a situação do trabalhador. Os patrões estão organizados para sufocar o crescimento da classe trabalhadora.

Na última campanha salarial, em 1979, a oposição sindical sem elementos na base e também dividida em posições ideológicas mais ou menos sectárias, conseguiu alguma mobilização mas de forma fraca, não conseguiram sustentar o movimento grevista, porque a Diretoria do Sindicato, em momento algum, animou a categoria na luta pelos direitos reclamados: melhores salários e melhores condições de trabalho.

A seguir os pontos principais da avaliação da greve:

Pontos negativos: Não foi trabalhada a proposta nas bases ou reunião de fábricas: 83%; Não se teve clara a origem da proposta dos 83%; A oposição não se fez presente durante a campanha; A tática de os companheiros de oposição, que estavam nas bases não se exporem, não deu certo; A oposição não conseguiu bloquear as manobras da Diretoria; Não se procurou outras formas de trabalho, e tudo ficou na dependência do sindicato; Divisão dentro da própria oposição; Na assembléia do acordo havia pouca representatividade;

Pontos positivos: Conseguiu-se gente nova nas comissões; Mesmo desarticuladas as propostas feitas pela oposição foram aceitas; Interesse dos trabalhadores nos piquetes, embora em número pequeno; A categoria tomou consciência da atuação da diretoria e acha que é necessário mudar.

Dificuldades: Poucos militantes na base; Um certo ativismo do pessoal da oposição. Pouca gente fazendo quase tudo; As bases não estavam motivadas para a greve.

Consequências: Desemprego; Opressão nas fábricas; Desmoralização da greve pelos patrões.

Programação para o futuro: Reorganizar a oposição sindical; levar o trabalho para dentro das fábricas; Rever o programa das eleições e por em prática; Ter claro sua atuação e qual é seu papel; Formar novos militantes; Mesmo ganhando a sindicato, continuar a oposição à estrutura sindical; Organizar os trabalhadores no local de trabalho, comissão de fábrica, delegado sindical e lutar pela estabilidade, cipeiros, etc.

Participação da Pastoral Operária de Osasco na greve: Foi feito um boletim de esclarecimento e orientação de como se comportar nas greves e dando dois endereços para fundo de greve. Atuação direta dos companheiros nos piquetes e nos comandos. Foi organizada uma Missa de 7º dia pelo companheiro Santo, distribuindo 20.000 convites, explicando o motivo do as-

sassinato e pedindo colaboração para o fundo de greve. O único movimento que está organizado em Osasco é a Campanha de Solidariedade aos desempregados e fazendo distribuição de mantimentos e dinheiro.

Guarulhos:

Semelhante ao movimento de São Paulo. No começo pediram 50%. Depois partiram para 83%. Não houve muita participação das bases. Um ponto positivo foram os piquetes terem sido feitos nos pontos de ônibus, impedindo-os de irem para as fábricas. Quem dirigiu a greve foi a oposição sindical.

Minas Gerais:

Em 1979, houve muitas greves em Minas, algumas muito violentas (3 mortes) Belo Horizonte, Betim, Divinópolis. Fizeram greves: Metalúrgicos, vigilantes, professores, mineiros, trabalhadores da construção civil, motoristas. A greve da construção civil teve um caráter de insurreição. O presidente do Sindicato está lá desde 1964. Houve quebra-quebra. Belo Horizonte parou. A greve dos professores atingiu 400 municípios. A mais importante em termos de conquista foi a de Monlevade.

Monlevade:

O Sindicato dos Metalúrgicos de João Monlevade saiu de uma árdua negociação salarial com a Companhia Siderúrgica Belgo mineira. Nessa campanha foi necessário utilizar inclusive a greve, como forma radical de pressão.

A preparação da luta:

As bases estabelecidas foram as seguintes: a) Só incluir nas reivindicações aquilo que fosse já manifesta vontade de toda a categoria, evitando aquelas reivindicações convenientes só para alguns, que não se caracterizasse, como aspiração e vantagem para todos. b) Eliminar qualquer interferência político-partidária na luta sindical. Julgamos válido e mesmo indispensável que cada trabalhador se engaje na luta política. Entre tanto, estamos convencidos de que, incluir numa mobilização trabalhista interesses específicos de uma agremiação partidária, existente ou por instituir-se, só pode enfraquecer a luta sindical. c) Só reivindicar o viável, eliminando as reivindicações impossíveis. d) Mobilizar a categoria, promovendo assembléias, motivando o comparecimento maciço dos associados esclarecendo a todos, através do boletim e circulares sobre a natureza das reivindicações e sobretudo que só se pode tomar decisões sérias com a presença de um número realmente expressivo de associados.

As negociações iniciais: A lista de reivindicações foi preparada em sucessivas assembléias e reuniões de associados e da diretoria do Sindicato. Com base nessa lista encaminhou-se uma carta à Companhia apresentando as pretensões da categoria e sua justificativa. O sindicato procurou fazer deste documento uma peça madura, refletida, fundamentada. Para isso, buscou o assessoramento de órgãos técnicos, como por exemplo, o DIEESE, para justificar plenamente as reivindicações de ordem econômica. Uma vez encaminhada a carta, tiveram início as negociações diretas do Sindicato com a Companhia. Fruto de longas discussões, permaneceu uma contraproposta da Companhia, infelizmente bastante aquém do pedido inicial que a diretoria do Sindicato levou à Assembléia geral.

A participação dos trabalhadores: A contra proposta da Companhia, foi apresentada numa Assembléia com mais de 3.500 dos 4.400 associados.

Graças ao trabalho anterior, a classe, estava amplamente consciente do que queria e, sem maiores discussões, a contra proposta foi rejeitada. Brotou então de forma espontânea a decisão consciente e amadurecida de paralisar os trabalhos. A partir daí, foi discutido como realizar a paralização e se chegou às seguintes decisões: - Os piquetes teriam como única tarefa, divulgar a decisão que a Assembléia tomou de paralisar o trabalho, sem tentar de nenhuma forma, impor pela força tal decisão. - Os trabalhadores iriam comparecer pontualmente ao local de trabalho, permanecer junto às máquinas durante o horário de trabalho, sem prestar serviço. Evitar dedicar-se a atividades recreativas ou tumultuosas. O pessoal vinculado ao serviço de manutenção dos fornos e fábrica de oxigênio prestariam o trabalho necessário para evitar que a empresa tivesse algum prejuízo fora daqueles decorrentes da cessação da produção.

As negociações na DRT e na Justiça do Trabalho:

A intensa conscientização dos trabalhadores, fez com que as decisões tomadas se cumprissem tranquila e eficientemente. A Usina de Monlevade cessou totalmente sua produção, levando a Companhia a retomar imediatamente as negociações, já então sob a assistência da Procuradoria Regional do Trabalho.

A Diretoria sindical manteve a mesma atitude inicial de abertura ao diálogo de tal maneira que, ficou claro para quem acompanhou o desenrolar da negociação, que toda intransigência provinha do órgão patronal.

Questionando a ilegalidade da greve a diretoria sindical se negou a apresentar defesa, por coerência no seu repúdio à legislação anti-greve manifestamente inconstitucional. Foi estabelecido o impasse. A Companhia, sentindo a firmeza do Sindicato e a inutilidade da ameaça de enquadramento da greve na legislação repressiva, convocou a diretoria do Sindicato para novo entendimento, antes de ser marcada a reunião final na justiça do trabalho, na qual seria decretada a ilegalidade da greve.

O acordo não saiu antes, pela intransigência da Companhia. Quando ela se dispôs realmente a negociar, houve acordo.

Curitiba:

Dentro de 30 dias, houve 5 greves: Metalúrgicos, Construção Civil, Motoristas de Ônibus, Motoristas de taxi e garis.

Metalúrgicos: A mobilização começou há tempo, quando o pessoal de lá começou a participar dos encontros nacionais ou regionais. Surgiram grupos sem apoio da diocese. Estudavam as leis e os direitos. Sentiram necessidade de espalhar o trabalho. Conheceram a experiência de São Leopoldo e de Volta Redonda. Havia também trabalhos de Associação de Moradores. Uniram-se e formaram uma comissão executiva para a campanha salarial. Havia dois princípios: tentativa de mobilização pelas bases e fornecimento de material para o pessoal refletir e fazer luta autônoma. Foi pedido 85% sem desconto e o piso de Cr\$ 6.520,00.

A primeira assembléia já deu fruto: 2.500 participantes (no ano anterior a participação foi de 250). Dado importante: A comissão iria só levar e trazer recado, para não haver conchavo. Na avaliação de força chegaram à opção de greve legal. Várias ameaças por parte dos patrões que não acreditavam que fosse possível. A oposição sindical criou um boletim que foi muito importante. O Sindicato se viu obrigado a apoiar a greve. A oposição foi ganhando a confiança do pessoal. Tomaram o Sindicato e passaram a agir lá dentro.

Houve confronto com a polícia em frente das grandes fábricas. Houve 130 demissões. O saldo positivo foi o desencadeamento do movimento que não havia, o fortalecimento da oposição sindical.

A greve da construção civil foi desorganizada. O Sindicato não participou. O pessoal dos bairros se reuniu para traçar um plano mínimo. Quando a Polícia apareceu o pessoal não resistiu. A volta ao trabalho foi melancólica.

Tudo isso representou um salto de qualidade para o Movimento Operário. Houve um amadurecimento da Igreja. Quem mais aguentou o movimento foi o pessoal preparado pela Pastoral Operária.

A Pastoral Operária teve dois momentos: Antes da greve: Grupo para estudo das leis trabalhistas. Agora depois da greve vai ter mais o objetivo de reunir quem está organizando a classe para ler o Evangelho juntos.

Joinville:

Julho e agosto foram dois meses de muita movimentação. Joinville e isso mostrou que os operários têm muitos problemas e que também estão dispostos a resolvê-los.

Metalúrgica Joinvilense - Proposta dos operários: 35% de aumento, vale de farmácia, insalubridade, adiantamento maior. Foram feitas 2 assembleias dos operários com o Sindicato. Foi conseguido: 15% em julho, 15% em outubro, o vale de farmácia, promessa de ver o problema da insalubridade.

Empresas de Ônibus - Proposta dos motoristas: 6 mil na carteira. Foi feita uma assembleia. Foi conseguido 5 mil em agosto e mais 100 cruzeiros por mês, até completar os 6 mil.

Metalúrgica Schulz - Houve movimentação para pedir aumento. Foram demitidos alguns operários. As dispensas foram anunciadas e também o mau atendimento médico na firma. Conseguiram melhor atendimento médico, com operativa a preço de custo e aumentos parcelados até janeiro de 10, 5, e 7 por cento.

Metalúrgica Douat - Proposta dos operários: 60% de aumento, uniforme, manter o preço do ônibus e da comida. Foram feitas várias assembleias e ficaram parados 3 dias. Conseguiram 18% imediato e mais 12% em outubro, não descontar os dias parados, mais vantagens na alimentação e transporte e os uniformes em janeiro.

Metalúrgica Schneider - Proposta dos operários: 30% de aumento, uniforme, mais higiene na fábrica. Foram feitas assembleias com o sindicato fizeram greve de 2 dias. Conseguiram 10% em julho (já estava pago), 10% em agosto e 10% em novembro, sapatos e uniformes, mais higiene, garantia de emprego para os grevistas.

Metalúrgica Duque - Proposta dos operários: 60% de aumento, equipamentos de segurança, uniformes, alimentação melhor e mais barata, volta do ônibus especial e liberdade do uso do banheiro. Foram feitas assembleias e houve uma greve de 3 dias. Foi conseguido: 30% em 2 parcelas, materiais de segurança e outras facilidades, garantia de emprego para os grevistas.

Químicos e farmacêuticos - Proposta: 30% de aumento. Foi feita uma assembleia com perto de 2 mil pessoas. Foi conseguido 26% de antecipação salarial em 2 parcelas.

Rio Grande do Sul:

Grande movimentação em todas as categorias. Houve greves. Intervenção no Sindicato dos bancários. Em Porto Alegre, os trabalhadores da Construção Civil se rebelaram de maneira violenta e sem organização. Greves dos camioneiros, mineiros, vigilantes, costureiras, comerciários, motoristas de taxi, agricultores (mais de 10.000 se concentraram). Em Caxias, movimento da Fiação e Tecelagem.

Fortaleza:

Não existe Pastoral Operária organizada. Existe movimentação operária. A primeira movimentação mais positiva: greve dos motoristas de ônibus. Não foi organizada. Nasceu da situação de opressão que viviam os motoristas. Greve pacífica. No segundo dia houve a repressão: muitas prisões. Conseguiram 21% de aumento. O trocador passou a Cr\$2.000,00. Ponto negativo: os pélegos no Sindicato.

Campanha salarial dos metalúrgicos - A primeira assembleia tinha 20 pessoas. Nas outras já apareceram 200, 400 e a última já contou com 2000 pessoas. Então foi decretada a greve. A diretoria não concordava. Pediram 83%. Conseguiram 67% escalonados. A Igreja apoiou: arranhou ajuda financeira, transporte. A greve durou 10 dias. Houve muitas prisões.

Pernambuco:

Houve greve dos professores, dos motoristas e eletricitas. Os re-
celões fizeram tentativa de greve mas entraram em acordo.

A greve dos motoristas foi mais ou menos vitoriosa. Houve quebra-
quebra. Apoio popular. A greve dos professores não conseguiu bons resul-
tados. Durou mais de um mês. Foi desgastante para a classe. A mais partici-
pada foi a dos eletricitas.. Houve demissões e luta pela readmissão. Os
operários voltaram mas para outro setor.

Rio de Janeiro:

Campanha salarial dos metalúrgicos: Todos os grupos participaram
na campanha. O Rio foi dividido em 13 áreas. A Diretoria é fraca no Sindi-
cato; ela foi formada em 77 nos esquemas possíveis na época. Foi eleita
uma comissão de salário.

A executiva (criada por operários cristãos) tem todo apoio da di-
retoria. Foi pedido ao DIEESE que fizesse um levantamento e ficou compro-
vado que aumento deveria ser de 83%. Levada a proposta aos patrões, foi
pedido um prazo de 6 dias para um estudo. Vieram as contra propostas até
que quando chegou a 69%, a greve explodiu. No primeiro dia 200 000 para-
ram. No terceiro dia, 95% dos operários estavam parados. Havia um clima pa-
ra greve mas houve falhas. Os piquetes ficaram sem alimentação. Negativa
de lugares para as assembléias. Greve ao mesmo tempo dos bancários que
foi muito reprimida.

Ponto positivo: a divisão por áreas funcionou e o povo continua
se reunindo.

Reflexão que se faz no momento: Há uma reação contra o Sindicato,
mesmo sendo este de oposição.

Nova Iguaçu:

Em Nova Iguaçu a Pastoral Operária apoiou o movimento dando lugar
para se reunirem, no transporte do pessoal. Houve também participação das
Paróquias, dos Clubes de Mães. As Comunidades de Base, de onde surgem os
grupos de Pastoral Operária têm alguns elementos que se engajam em grupos
de oposição sindical.

São Bernardo (SP) - Grande concentração metalúrgica.

Santo André (SP) - Fora dos metalúrgicos não houve grande movimen-
tação.

São Caetano (SP) - Fora dos metalúrgicos, nada se fez.

Houve certa desorganização na greve do ABC. Em março houve grande
participação da Igreja assessorada pela Pastoral Operária. A Diretoria
convidava o bispo para as Assembléias. Nas prisões, houve presença
de várias entidades que se reuniam em volta da Igreja. Fundo de greve. To-
das as igrejas ficaram à disposição, para reuniões durante toda a greve.

Apresentada a realidade, passou-se ao trabalho de grupo para o aprofundamento da questão dos avanços políticos vividos pela classe em 79, os fatores que contribuíram e os obstáculos que dificultaram a caminhada. Em seguida, foi o plenário:

A classe tomou consciência:

- de sua força;
- de seu valor;
- de que a sociedade nova tem que ser construída com a participação de todos;
- de que as propostas que já vêm prontas, de fora, nem sempre são as melhores para a classe;
- de que as lutas não são um fim em si mesmas mas um meio para uma luta maior com um conteúdo político, cristão, mais amplo;
- de que a estrutura sindical não favorece a organização dos trabalhadores;
- de que o Brasil é economicamente dependente - o problema das multinacionais;
- de quais organizações estão a favor ou contra a classe.

Outros pontos: (Não é a mesma coisa em todo Brasil)

A classe perdeu o medo, ficou mais crítica; maior consciência de classe; mobilização da classe para manifestações coletivas; explicitação da resistência operária; organização do trabalho de base : áreas e por fábricas; emergência de novas lideranças jovens; novas formas de luta e de organização - continuidade; surgimento de imprensa operária ; maior conscientização das massas (já não vão tanto na onda); influência dos grandes centros para os menores.

Fatores que contribuíram:

Posicionamento e serviço autêntico de certos setores da Igreja; Pastoral Operária; trabalho das Oposições Sindicais; mudança parcial do regime de repressão; o nível de exploração - as contradições do sistema; Grupos de resistência a partir de 65 no sentido de autonomia da classe; inter-relação trabalho sindical - bairro; maior organização nos trabalhos de base; abertura - resultado da pressão interna dos trabalhadores e externa da política dos direitos humanos de Carter; Trilateral; luta pelos direitos a partir de dados científicos; reposição salarial - Assembléias; articulação e troca de experiências entre trabalhadores; CEBs, JOC, ACC mantiveram a chama acesa; dinamismo de uma classe operária jovem e não viciada; Bandeiras: direito de greve, liberdade sindical, estabilidade no emprego.

Obstáculos que dificultaram o processo:

Estrutura sindical-peleguismo crescente provocando descrença nas lutas e no Sindicato; As Oposições Sindicais nem sempre têm clareza do que querem em relação à ação - falta de unidade, organização; defasagem entre as lideranças e a grande massa operária; repressão patronal (lista negra, mecanismos de distorção, ameaças, demissões); repressão policial; repressão político-ideológica; rotatividade; mudança do comportamento patronal face a atual crise econômica ; limite da negociação direta entre patrões e empregados; certas tendências políticas: reformismo, extrema esquerda; correntes que se autointitulam partidos de vanguarda dos trabalhadores; nova política salarial, decreto 1632 que reforça a lei anti-greve e a reformulação partidária.

Questões que se colocam hoje para o Movimento Operário

- Transformação da estrutura sindical.
- Organização pela base (democrática), sem a tutela do governo, em todos os níveis- desde a família até o Sindicato e Partido político, tendo como fundamento principal a humanização da vida do trabalhador.
- Autonomia em relação aos partidos. Desafio de uma articulação partidária que atenda realmente aos interesses dos trabalhadores preservando a autonomia sindical.
- Vencer os limites de categoria e localidade.
- Criar Comissões de fábrica e Inter-fábrica.
- Formação dos Militantes: prática e teórica. Procurar assessoria técnica que seja serviço e não, direção.
- As mobilizações sejam resultado de ações organizadas e/ou garantam o surgimento e desenvolvimento de organização na base.
- Garantir a continuidade do trabalho de base sem prejuízo do trabalho de conjunto.
- Lutar para superar as divisões, buscando a unidade na ação respeitando o pluralismo ideológico em função dos interesses do conjunto.
- Buscar a unidade e articulação das Oposições Sindicais.
- Associação de Bairro - Unificar a luta.
- Como avaliar objetivamente o momento presente do Movimento Operário e perceber exigências e perspectivas.
- Enfrentamento das investidas atuais do Capitalismo internacional
 - escudado no Trilateralismo
 - assumido pelo Governo brasileiro
 - apoiado por certas camadas sociais.

A seguir foi proposta uma questão para debate em grupos para se aprofundar o tema propriamente dito da fé ligada à vida operária: - Os Cristãos engajados no mundo operário têm encontrado em suas Igrejas locais uma ajuda para viver e aprofundar a dimensão de fé do seu engajamento político? Por que? Como?

- NO geral há um apoio da Igreja. Este apoio varia de acordo com os locais e a compreensão dos bispos e padres de cada Diocese. Prevalece o caso em que o apoio se dá anímal de grupos. Há dificuldade dos bispos liberarem padres para a Pastoral Operária, JOC e ACO. Há também a inexperience do clero sobre o problema operário; a confusão da propaganda anti-comunista, e ainda há setores da Igreja comprometidos com o capitalismo.

O aprofundamento da fé não corresponde ao engajamento político. Falta uma prática teológica apropriada e uma prática política com dimensão de fé. Falta explicitação da fé em sua nova dimensão. Falta um posicionamento mais definido da Igreja, mais confiança nos leigos.

As novas formas de leitura e interpretação dos fatos animam ao engajamento. A Palavra de Deus lida no contexto da vida, o assumir em conjunto situações concretas, os movimentos específicos os encontros, celebrações são forma de apoio que os operários encontram para viver e aprofundar a dimensão de fé do seu engajamento político.

Outra questão: Como podem os Cristãos engajados ajudar o conjunto da Igreja a redescobrir a dimensão de fé diante dos problemas vividos pela Classe operária?

- O Militante não deve esconder a sua condição de cristão; não separar a fé do trabalho operário. Não deve ver a Igreja como inimiga. Acreditar que cada pessoa pode se transformar, inclusive padres e bispos. Informar a Igreja dos problemas que atingem a classe operária- leigos, padres e bispos: realidade, ação, avanços e exigências. Explicitar e divulgar premanentemente os objetivos da luta operária: greves, protestos, campanhas.

Interpelar constantemente a Igreja Hierárquica sobre a exigência evangélica recordada na prioridade preferencial pelos pobres pedida em Puebla.

Não romper com a Igreja Hierárquica mas lutar sempre para que ela rompa com suas resistências, preconceitos e conivências com o "status quo"

Contribuir efetivamente para que a Pastoral geral (catequese, preparação aos Sacramentos) leve em conta a realidade da vida do povo, da classe operária.

Promover atividades mais frequentes e abertas nas comunidades, visando revelar os valores da luta operária.

Levar as comunidades ou grupos à avaliação das lutas, buscando a descoberta da dimensão de fé ali vivida.

Situar historicamente o homem como agente e não como objeto.

Situar as instituições como instrumentos e não como objetivos.

Provocar a Igreja à renovação teológica a partir da realidade que se apresenta.

Em momentos fortes da vida e ação da classe operária a Igreja celebre a dimensão de fé.

Aprofundamento da mesma questão "fé e política" em plenário :

Muitos militantes mais antigos aprofundaram sua fé em JOC, ACO, e outros movimentos. Para uma parte do pessoal que entra agora na Igreja e que confia na Igreja, não entra o questionamento da fé.

É necessária a luta operária como uma dimensão de fé e não como caridade.

A formação da fé se faz na dimensão individual e o que precisava era descobrir a dimensão de fé dentro da luta, que é de todos.

A Pastoral Operária que se faz no Brasil está muito ligada à estrutura da Igreja. Se o problema é nacional, a visão fica um pouco prejudicada. É preciso pensar a Pastoral Operária em dimensão nacional e ecumênica. Nessa questão se corre dois riscos: 1. de se ter uma orientação só local; 2. de se ter uma orientação só nacional. As características do movimento operário são diferentes de área para área. É o desafio à CPO - articular respeitando as divergências.

Há uma alimentação a ser feita para se manter no objetivo de libertação autêntica do homem, em que apareçam bem claros os sinais daquilo por que a gente luta.

Nós, cristãos, temos dificuldade de aprofundar o sentido teológico do nosso engajamento. Na prática, constatamos que a nossa dimensão teológica está fraca e que precisamos de uma capacitação teológica dentro da nossa luta. O que nos falta para encontrar tempo para descobrir a dimensão teológica das greves?

O sujeito da luta operária não é o Sindicato, é a massa operária. O sujeito da fé é a massa operária. Teologia tem que nascer de quem crê e não de quem sabe.

Uma distinção a ser feita: Os operários, como classe devem estar unidos na luta, no sindicato, na Oposição, etc. Como Pastoral Operária é um contra senso, as pessoas de outras religiões ou sem fé, se dizerem da Pastoral. A Pastoral Operária deve ver seu papel próprio e não querer abarcar tudo (cristandade). Dentro da Pastoral Operária devem estar aqueles que refletem a sua luta à luz da fé.

Para muita gente é fundamental salvar o Partido. Para a Igreja o objetivo é o homem numa dimensão social. A Igreja no seu conteúdo histórico vê o homem no seu contexto e em função disso procura se colocar.

Reflexões feitas por Rogério:

A Pergunta central seria: Como fazer a ligação entre a fé e a vida? A fé e a política? Afinal o que é ter fé dentro de uma greve?

Até há algum tempo, a Igreja ensinava verdades, através de uma doutrina - a catequese e se colocava como dona da verdade.

A Igreja fundou a Ação Católica, que era para levar a fé e combater os inimigos da mesma. Então a idéia de Igreja passou a sofrer transformação: é aquela que não só ensina mas também envia leigos - que seriam os braços direitos da hierarquia. Com o tempo se viu que os enviados às vezes tinham que tomar certas decisões, o que antes não era possível. O pessoal da Ação Católica começou a descobrir fenômenos que antes não se via. E a se perguntar: -"Vamos catequizar ou matar a fome do pessoal?"

O problema passou a ser: O que fazer antes? Qual é a prioridade entre a catequese e a assistência?

Por volta de 1950 fez-se um remanejamento da Ação Católica. Era dividida por sexo e idade. Começou a fazer apostolado especializado. Mas foi uma mera transformação de organização e não se caminhou no conceito de Igreja.

Com o tempo a experiência fez com que se modificasse no sentido de se promover e não só ensinar a doutrina: curso de mão de obra, etc. e se dava a catequese durante a promoção ou vice-versa.

Foi na década de 50 que Paulo Freire começou as experiências de alfabetização ligada à conscientização. Com Paulo Freire, os estudantes iam não mais aos estudantes mas aos pobres.

Isso veio produzir uma mudança na própria compreensão de fé. -Como nasce essa consciência? - O que queremos com o povo?

A pergunta mudou: Não é mais: O que vem antes: a catequese ou a promoção, mas a partir do momento que partiram para o povo descobriram a situação de fome salários baixos problemas de habitação, etc.

Descobriram também que no meio do povo, havia outras pessoas que faziam o mesmo trabalho em nome do socialismo ou comunismo.

Surgiram novas perguntas: - O que temos de diferente do Comunismo, ou seja, qual é o específico do Cristianismo, o que tem a mais ou de diferente?

No Vaticano II, a Igreja não se definiu mais como a dona da verdade, mas como Foco de Deus que caminha. Esse caminhar é o que se chama Libertação.

Então a pergunta nossa não será mais em torno de que é o específico do Cristianismo mas, como vamos aprofundar a nossa fé. Não nos conformamos mais com uma fé como um conjunto de verdades, mas como um caminho de libertação. O outro lado da mesma pergunta: - como fazer nascer nessa luta a consciência cristã?

A seguir foi proposta a seguinte questão para os grupos: - O que significa concretamente engajar-se por causa da fé?

O plenário constou do seguinte:

A questão da fé em conjunto significa um compromisso com os outros no meio em que se vive. Diz respeito:

- à questão da liberdade no relacionamento com o pessoal.

- ao posicionamento em relação àquele que é explorado e àquele que explora.

O Evangelho é incompatível com a indiferença: Aceitar os desafios da realidade para a construção do Reino de Deus. Não há acontecimento histórico que esgote o Evangelho. Em função disso, temos que ver sempre as estratégias que usamos.

- perspectivas dos militantes: existem militantes não cristãos que têm a mesma prática, o mesmo comportamento e a mesma mística pelo homem. Para os cristãos chega sempre o momento da explicitação de sua fé.